



# pregador EFICAZ

# pregador EFICAZ

Eliezer Cabral

NÃO BASTA PREGAR A PALAVRA DE DEUS,  
É NECESSÁRIO PROCLAMÁ-LA COM AUTORIDADE E EFICIÊNCIA



Todos os Direitos Reservados. Copyright © 1981 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

**CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.**

<b>C118p</b>	<b>Cabral, Elienai, 1945 – O Pregador eficaz / Elienai Cabral. – Rio de Janeiro : Casa Publicadora Das Assembléias de Deus, 1981.</b>
	<b>1. Sermões I. Título CDD – 251.01</b>
<b>81-0253</b>	<b>CDD – 251</b>

**Código para Pedido: DT-215  
Casa Publicadora das Assembléias de Deus  
Caixa Postal, 20,022  
20922 Rio de Janeiro, RJ, Brasil.**

**5.000/1981**

20001 Rio de Janeiro, RJ. Brasil  
5000/1984

5.000/1984 – 2ª Edição



## ÍNDICE

Prefácio .....	05
Apresentação .....	06
Introdução .....	07
Definindo a homilética .....	08
Benefícios da homilética .....	09
O pregador .....	12
Cultivos indispensáveis para o pregador .....	14
As bases do sermão .....	19
O tema do sermão .....	23
A estrutura do sermão .....	26
Espécies do sermão .....	30
As divisões do sermão .....	34
Formações de temas homiléticos .....	40
Elementos auxiliares do sermão .....	43
Classificações de sermões .....	47
Estilo de sermões .....	49
Sermão “corporis” .....	52
Esboços de sermões .....	55
Referências .....	60



## ABREVIATURAS USADAS NETE LIVRO

### VELHO TESTAMENTO

Gn - Gênesis  
Êx - Êxodo  
Lv - Levítico  
Nm - Números  
Dt - Deuteronômio  
Js - Josué  
Jz - Juízes  
Rt - Rute  
1ª Sm – 1ª Samuel  
2ª Sm – 2ª Samuel  
1ª Rs – 1ª Reis  
2ª Rs – 2ª Reis  
1ª Cr – 1ª Crônicas  
2ª Cr – 2ª Crônicas  
Ed - Esdras  
Ne - Neemias  
Et - Ester  
Jó - Jó  
SI - Salmos  
Pv - Provérbios

Ec - Eclesiastes  
Ct - Cantares  
Is - Isaías  
Jr - Jeremias  
Lm - Lamentações de Jeremias  
Ez - Ezequiel  
Dn - Daniel  
Os - Oséias  
Jl - Joel  
Am - Amós  
Ob - Obadias  
Jn - Jonas  
Mq - Miquéias  
Na - Naum  
Hc - Habacuque  
Sf - Sofonias  
Ag - Ageu  
Zc - Zacarias  
Ml - Malaquias

### NOVO TESTAMENTO

Mt – Mateus  
Mc – Marcos  
Lc – Lucas  
Jo – João  
At – Atos  
Rm - Romanos  
1ª Co – 1ª Coríntios  
2ª Co – 2ª Coríntios  
G1 – Gálatas  
Ef – Efésios  
Fp – Filipenses  
Cl – Colossenses  
1ª Ts – 1ª Tessalonicenses  
2ª Ts – 2ª Tessalonicenses

1ª Tm – 1ª Timóteo  
2ª Tm – 2ª Timóteo  
Tt - Tito  
Fm - Filemom  
Hb - Hebreus  
Tg - Tiago  
1ª Pd – 1ª Pedro  
2ª Pd – 2ª Pedro  
1ª Jo – 1ª João  
2ª Jo – 2ª João  
3ª Jo – 3ª João  
Jd - Judas  
Ap - Apocalipse



# APRESENTAÇÃO

*Considerando a importância desta matéria, preparei-a, inicialmente, em forma de apostila, para facilitar o trabalho nas escolas em que tenho lecionado. Solicitado a publicá-la, apresento agora aos interessados “O Pregador Eficaz”.*

*Nesta obra procurei, sobretudo, descartar os aspectos mais importantes para a elaboração de sermões; ao estudante cabe apenas acompanhar os estudos e praticar.*

*Reconheço não ser uma obra completa, visto que a Homilética abrange várias áreas no ministério da Palavra. O objetivo primordial deste trabalho é o conduzir o estudante, principalmente o leigo, por um caminho menos teórico, facilitando, assim, a organização de esboços de sermões.*

*Os aspectos técnicos de um sermão não devem ofuscar a inspiração da mensagem de Deus. Eles apenas dão forma, isto é, concatenam os pensamentos inspirados, para que a enunciação seja clara e alcance o resultado desejado.*

*A grandeza de um sermão não está na sua disposição formal, que é secundária, mas na preparação humilde por parte do pregador, para, em forma ungida e organizada, expor a Palavra de Deus. A unção espiritual é aquela energia do Espírito Santo para mostrar as verdades divinas e mover o coração do ouvinte.*

*Espero que esta modesta obra possa ajudar os pregadores que desejam aprimorar-se no ministério da Palavra.*

*Dedico, em primeiro lugar, este livro ao meu pai, pastor Osmar Cabral, que, ao longo de seu fecundo ministério, tem sido para mim e para tantos outros um exemplo, um modelo a seguir na exposição da Palavra.*

*Sou grato a minha dedicada esposa, Arézia, e a meus filhos, Tâmara e Elienai Junior, que sempre me animaram a fazer este trabalho.*

*E a você, caro estudante, também dedico esta obra, orando, para que o Espírito Santo o conduza a um aproveitamento maior e melhor.*

**Elienai Cabral,  
Niterói, RJ, julho de 1980.**



# INTRODUÇÃO

A pregação é a forma mais expressiva de disseminar o Evangelho de Cristo, e ocupou lugar central no ministério terrestre de Jesus. O Senhor identificou-se como pregador público quando visitou a sinagoga de Nazaré, afirmando que fora enviado “a pregar” boas novas as pobres, a proclamar liberdade aos cativos, a anunciar o ano aceitável do Senhor”, Lc 4.16-21.

Jesus foi um pregador itinerante. Seu público era o lugar onde chegava: um monte, a popa de barquinho, a tribuna da sinagoga ou a casa de amigos. Seu ministério não era fixo: ia de vila em vila, de aldeia em aldeia, e de cidade em cidade. No entanto, Ele, o mais glorioso pregador, arrastava após si multidões eletrizadas por seus sermões cheios de graça e autoridade divina. Poder e graça eram-lhe peculiares.

John Broadus escreveu: “*A prédica de Jesus era um clamor insistente por compaixão*”, e “*A prédica, segundo o significado e propósito, de Jesus, incluía todos os elementos calculados com o fito de mover a mente em todas as suas direções e levar o homem a ver, sentir, avaliar e tomar decisões morais*”.

Jesus foi o exemplo por excelência para a Igreja no trabalho da pregação. Ele exerceu esse ministério em casas de família, nas sinagogas, ao ar livre e, em particular, a qualquer pessoa que o quisesse ouvir, como no caso de Nicodemos, Jesus é que ensinou a necessidade de pregar. Confiou-nos a Grande Comissão que tem sentido tríplice: fazer discípulos; batizá-los em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensiná-los.

No tempo dos profetas e, posteriormente, na época dos leitores e dos discursadores das sinagogas, o judaísmo teve algo semelhante à prédica pública, mas a pregação não era essencial na liturgia do tabernáculo, do templo ou das sinagogas.

A religião e a filosofia dos gregos e romanos, valiam-se da prédica finamente polida, sem dar-lhe, porém, a ênfase que possui o cristianismo.

Depois do sucesso da pregação cristã, outras religiões e seitas adotaram o mesmo sistema, ainda que com limitação, porque permanece com o cristianismo o significado vital da pregação na catequese de almas para o senhor Jesus Cristo. A pregação, portanto, é uma característica própria do cristianismo.

Jesus, o fundador do cristianismo, foi um dos primeiros pregadores; apenas João batista o antecedeu. Após sua morte, seguiram-no na pregação os seus discípulos. É notável perceber, através da história da Igreja, o fato de que a pregação, em todos os seus aspectos, foi responsável pelo sucesso, crescimento e extensão da Igreja.

O ministério da pregação não ficou restrito aos apóstolos e as discípulos em Jerusalém. Outros pregadores levantaram-se: Filipe, Estevão, Paulo, Marcos, Tito, Timóteo e muitos outros.

Paulo foi o que mais se destacou na pregação, e descobriu outros pregadores que instruiu. A Timóteo, tratou-se como um filho e procurou fazer dele um pregador. Paulo foi um batalhador incansável e, quando começou a declinar pela idade e pelo cansaço, viu em Timóteo a esperança na continuidade da pregação do Evangelho puro.

A primazia da pregação foi bem entendida pela Igreja primitiva conforme nos mostram os seguintes textos: At 8.5,10; 17.18; Rm 10.14 e 1Co 1.17.

Pattison define: “*A pregação é a comunicação verbal da verdade divina com o fim de persuadir*”.





# (1)

## DEFININDO A HOMILÉTICA

A palavra *homilética* deriva-se do grego “homiletike”, que significa *o ensino em tom familiar*. No grego clássico “HOMILOS” significa *multidão, assembléia do povo*. A Igreja primitiva serviu-se desse termo para designar “assembléia do povo”. Da mesma origem aparece o verbo “homileo” que quer dizer *conversar*. Este foi usado nas reuniões cristãs primitivas, para indicar os discursos familiares feitos por seus dirigentes. De “homileo” adaptou-se o termo *homilia*.

Não havia uma forma exata, um tipo de pregação, no primeiro século. As homilias tiveram sua evolução prática acompanhando o desenvolvimento da Igreja no seu afã de expandir-se. Os cultos organizaram-se de maneira que não perdessem a direção do Espírito Santo e, com isso, a pregação centralizava em si a maior responsabilidade. As homilias eram familiares, pois não havia templos construídos. Além de familiares, eram didáticas e expositivas. Os livros do Velho Testamento e outros conhecidos pelos “pais da Igreja” eram lidos e depois comentados. Os comentários finalizavam com admoestações aos crentes a que cumprissem o que haviam ouvido. As reuniões eram secretas, por causa das muitas perseguições. Essa ocultação parecia aos governos da época que os cristãos eram um grupo ou partido sedioso contra o Império.

No Século IV, porém, a situação mudou e a Igreja não precisava mais esconder-se nos subterrâneos de Roma nem nas cavernas nem nas montanhas. Então, a simplicidade e pureza evangélica, observadas no princípio, perderam a sua importância. Em lugar de eloquência no Espírito, as homilias eram enfeitadas de inexpressiva retórica pagã. A pregação cristã perdeu sua originalidade e aderiu as formas helenísticas e à retórica filosófica dos romanos. Esse erro prolonga-se até os nossos dias.

Burt escreveu em seu “*Manual de Homilética*”; “*A homilética é uma ciência superior, da qual a retórica, a lógica e outras ciências humanas são tributárias*”.

Hoje entendemos por *homilética* a arte na preparação de sermões.

Hoppin escreveu: “*A homilética é a ciência que ensina os princípios fundamentais dos discursos em público, que proclamam o ensino da verdade divina em reuniões regulares para o exercício do culto.*”

Em outras palavras, *homilética* é a arte da preparação de sermões, os quais não se abstêm do aprimoramento das habilidades oratórias.

Todo pregador deve ter em mente o significado de cada um dos seguintes termos, muito relacionados entre si, mas distintos quanto a significação: *oratória, eloquência, e retórica*.

A *oratória* é a arte de falar em público de forma elegante, precisa, fluente e atrativa.

A *eloquência* pode ser desenvolvida na teoria, e na prática da oratória; nela o dom natural é que se desenvolve. Entretanto, existem correntes de interpretação que dizem ser ela uma arte, uma técnica.

A *retórica* é o estudo teórico e prático das regras que desenvolvem e aperfeiçoam o talento natural da palavra, baseando-se na observação e no raciocínio.

A *homilética*, no seu aspecto técnico e prático, atinge três elementos que devem ser claramente entendidos: *dom, conhecimento e habilidade*. O *dom* ou talento vem de Deus. O *conhecimento* é o resultado do estudo concentrado e consciencioso da Palavra de Deus. A *habilidade* é o aproveitamento do dom e do conhecimento na arte de falar, isto é, na pregação. A habilidade pode ser desenvolvida pelo uso e pela experiência.



## (2)

# BENEFÍCIOS DA HOMILÉTICA

### A. A HOMILÉTICA DESENVOLVE A ARTE DE EXPRESSÃO

Sem dúvida, a homilética contribui eficazmente para que o pregador desenvolva a habilidade de falar, isto é, a arte de expressão. Nem todos possuem o dom natural da palavra, mas aqueles que exercem o ministério ou ele aspiram devem buscar o aprimoramento no falar. Temos de encarar a realidade: a dificuldade de expressão no púlpito dispersa a atenção e o interesse do auditório, por isso o pregador deve sempre procurar expressar-se bem em público.

É verdade que o sucesso de um pregador depende dos seus valores espirituais, mas também é certo que os valores físicos muito influem. O pregador deve saber distinguir esses valores indispensáveis ao desempenho do seu ministério. O pregador que se expressa mal é ouvido com desinteresse, porém, o que se expressa bem é ouvido com prazer. A arte de expressão constitui-se de vários aspectos, entre os quais, *a voz, a técnica oratória e o conhecimento da língua usada*.

A voz é o principal veículo da comunicação verbal. É ela, em suma, o som ou o conjunto de sons produzidos na laringe pela vibração das cordas vocais sob a ação do ar vindo dos pulmões, modificados pelos órgãos da fala. A voz pode ser educada, para que os sons saiam livres e agradáveis. A *técnica oratória* pode ser aprendida na Escola, e desenvolvida através da observação e da experiência. Aprimorar a arte de expressão não anula a inspiração divina; pelo contrário: dá sentido e perfeição às locuções emitidas. Para que os pensamentos sejam expressos com nitidez e perfeição, o pregador deve desenvolver essa arte no seu ministério.

A arte de expressar-se exige boa dicção, que é utilização artística da voz. Para que o pregador seja entendido ao falar, a articulação dos sons emitidos deve ser perfeita, isto é, ele deve pronunciar cada palavra corretamente e com som nítido.

O conhecimento de homilética muito contribuirá para aprimorar a fala.

### B. A HOMILÉTICA DESENVOLVE RACIOCÍNIO

O segredo do sucesso da pregação está em o pregador colocar-se como um canal do qual flui a unção do Espírito Santo. E ele não deve deixar que essa unção seja superada por seus impulsos emocionais, como fazem muitos iniciantes. Só a prática ensina aquele que prega a comeder o ardor espiritual que faz estremecer o coração.

O pregador não deve deixar de ser emotivo, mas tem de compreender que é necessário dosar esse sentimento, para que as suas pregações produzam resultados positivos e permanentes. Um pregador desequilibrado emocionalmente pode perder o objetivo da pregação.

A pregação meditada, ponderada, e sob a inspiração do Espírito Santo, terá um cunho mais sólido e nacional. Já na pregação de última hora, os pensamentos podem vir incompletos, pois podem basear-se nos recursos instantâneos que a emoção oferece. **Emoção e razão devem irmanar-se na pregação, para que sejam evitados os extremos.** Graça e conhecimento são as partes que formam uma mensagem frutífera, 2Pe 3.18.

O desenvolvimento do raciocínio baseia-se em conhecimentos, e estes são assimilados na leitura da Palavra de Deus. Por isso Paulo aconselhou a Timóteo, dizendo: “Persiste em ler!”, 1Tm 4.13. Os conhecimentos acumulados vêm a tona



quando desejamos preparar um sermão ou estudo bíblico. Então, o raciocínio forma com eles uma cadeia de argumentos que enriquece o pensamento. A assimilação de conhecimentos gerais também é necessária ao pregador, pois dá mais atratividade ao sermão. A meditação é, em outras palavras, uma forma de raciocínio.

### C. A HOMILÉTICA APRIMORA OS CONHECIMENTOS GERAIS

A Bíblia incentiva a busca de conhecimentos gerais: “*Bem aventurado o homem que acha sabedoria, e o que adquire conhecimento*”, Pv 3.13. Já estudamos anteriormente que a homilética é a arte de preparar e expor um sermão. Tanto a preparação quanto a exposição são enriquecidas com o grau de conhecimento do pregador. Os conhecimentos não são a principal razão de um sermão, mas são o esqueleto que lhe dá forma. Eles enriquecem um sermão com variedade de pensamentos que, transmitidos sob a unção do Espírito Santo, muito contribuem para o sucesso da pregação.

Pedro ensina que deve haver equiparação entre *Graça e conhecimento*, quando diz: “*Crescei na graça e no conhecimento*”, 2Pe 3.18. O pregador não precisa deixar de ser espiritual pelo fato de enriquecer seus sermões com conhecimentos gerais. Se o sermão estiver cheio da graça de Deus, então os conhecimentos neles inseridos resultarão em bênçãos. A homilética apresenta as regras técnicas, e ensina como o pregador pode tirar proveitos dos conhecimentos, ordenando os pensamentos e dosando-os com a graça divina.

Todo o pregador deve adotar um sistema de estudo, para seu maior aproveitamento no ministério da Palavra. O processo de estudo, o aprimoramento dos conhecimentos gerais, e dos bíblicos, envolvem *três* aspectos: *observação, consulta, e discussão*.

#### 1. A observação realiza-se em duas direções:

a. *para fora*, quando colhemos impressões do que se passa ao nosso redor.

O pregador deve estar sempre atento ao desenvolvimento da ciência, e aos acontecimentos do mundo, para tirar lições e idéias. O hábito de anotar as observações feitas dará ao pregador a oportunidade de enriquecer seus sermões com o resultado de observações feitas em casa, na rua, na igreja e viajando.

b. *para dentro*, quando o pregador faz introspecção, isto é, quando examina seus próprios pensamentos e sentimentos, para verificar o que se passa dentro de si mesmo.

2. A consulta é um método eficaz no aprimoramento dos conhecimentos gerais: uma palavra, uma idéia, um assunto qualquer, poderá levar-nos a livros de pesquisas. Todo pregador tem por obrigação possuir uma biblioteca particular para consultas: livros teológicos, dicionários, enciclopédias, comentários dos livros da Bíblia, geografia e arqueologia bíblica, história geral, e da Igreja, livros devocionais etc.

3. A discussão é outra forma de buscar conhecimento.

O resultado das observações e consultas pode ser também, feito em “estudo em grupo” que é o estudo em cooperação. Quando o pregador não consegue sozinho entender determinado assunto, nada melhor de discuti-los com outros pregadores.

A homilética exige do pregador um aprimoramento nos conhecimentos gerais e bíblicos, para que melhor desempenhe seu ministério.

### D. A HOMILÉTICA DESENVOLVE A VIDA ESPIRITUAL

Não pode haver verdadeiro sucesso na pregação sem o cultivo de uma vida espiritual dinâmica. Não basta conhecer as regras homiléticas, saber fazer um esboço de sermão, ter facilidade de expressão, nem possuir grandes conhecimentos populares, pois a pregação exige também uma vida de consagração a Deus. O pregador, antes e depois de tudo, é um servo que faz a vontade do seu Senhor. É também um embaixador que



precisa estar em contínuo contato com seu governo, para dizer somente aquilo que interessa ao seu país.

É impossível separar a pregação da devoção. Esses dois elementos precisam estar irmanados. A primeira sem a segunda é vazia e inexpressiva. O pregador, quando prepara a prédica, deve estar inspirado e ungido, em meditação e oração. É sobre os joelhos dobrados que o canal divino flui sobre a mente do mensageiro. O cultivo espiritual deve ocupar o primeiro lugar na vida do pregador. Seu gabinete pastoral deve ser o recito secreto, o altar da oração, o lugar da comunhão com Deus.

A pobreza espiritual de muitas pregações está em não orar e na falta de meditação da Palavra de Deus. É a oração que movimenta toda a maquinaria de um sermão. Quem tem a missão de pregar, também tem a de orar. A missão do pregador será incompleta, se lhe faltar uma dessas coisas.

Certo pregador disse: *“A pregação que mata é a da letra; pode ter bela forma e ordem, mas continuará a ser letra; letra rude e seca, casca nua e vazia”*. A pregação no Espírito é aquela que foi recebida em oração e meditação na palavra de Deus.



## (3)

# O PREGADOR

### A. A DEFINIÇÃO DO PREGADOR

Pregador é alguém que recebe a mensagem de Deus e a entrega aos homens. É o que trata com Deus dos interesses dos homens e, com os homens, dos interesses de Deus. O pregador não é um entregador de recados. É um porta-voz da mensagem de Deus aos homens. O Novo Testamento diz claramente que o crente é uma testemunha de Cristo no sentido de fazer conhecido o poder salvador de Jesus. O livro sagrado não diz que todos crentes seriam pregadores e ensinadores: só alguns são. Na realidade, pregar e ensinar são dois ministérios importantes, destacados no Novo Testamento. A habilidade de pregar, ou a de ensinar em público, é um dom de Deus.

### B. REQUISITOS DO PREGADOR

1. *O pregador tem de ter experimentado em sua própria vida a obra regeneradora do Espírito Santo.* Como poderá alguém pregar a mensagem de salvação sem ser regenerado? Mas há profissionais: falsos pregadores que nunca nasceram de novo. Pregam por interesse próprio. Não basta ter curso de teologia, nem conhecer oratória, nem saber as regras de homilética, para ser um verdadeiro pregador do Evangelho. É preciso ter “nascido de novo”, Jo 3.3. Inteligência, moral, eloquência e simpatia não fazem de um homem pregador. Há mistérios espirituais que só um pregador regenerado e cheio do Espírito Santo pode expor, 1Co 2.14. Um pregador não-salvo é apenas um homem natural que não compreende as coisas do Espírito. Aos não-regenerados a Bíblia chama-os de “condutores cegos” (Mt 15.14), ou “cisternas rotas”, 2Pe 2.17.

2. *Ao pregador é necessário que tenha a chamada de Deus.* Dois tipos de chamadas aparecem na Bíblia – a coletiva e a individual. A chamada coletiva abrange todos os crentes em Cristo, At 1.8. Já na chamada individual o Espírito Santo fala diretamente a determinada pessoa e a separa para o trabalho que Deus quer que ela faça. Entre esses trabalhos está o ministério da pregação que a Bíblia chama de o “ministério da palavra”, Cl 4.17; 2Tm 4.5; At 6.4.

A Bíblia está cheia de testemunhos de homens e mulheres que foram chamados para especialmente exercerem certas atividades ministeriais da parte de Deus. Destacam-se Abraão, Jacó, José, Moisés, Arão, Gideão, Sansão, Débora, Ester, Samuel, Davi, Isaias, Jeremias, Ezequiel, Amós, Jonas etc. Em o Novo Testamento temos os apóstolos; depois Paulo, Filipe, Estêvão, Silas, Timóteo, Tito, Apolo. Através da história da Igreja, Deus chamou muitos outros para o ministério da Palavra como Savonarola, Lutero, Calvino, Moody, Wesley, David Brainerd, Gunnar Vingren, Daniel Berg etc.

Ter a chamada especial de Deus para pregar implica na responsabilidade de ser portador de uma mensagem capaz de transformar os seus ouvintes, e manter a si próprio puro.

### C. PRINCÍPIOS BÁSICOS

São três os princípios básicos que regem a pregação e o pregador:

1. *Objetividade.* qualidade necessário ao pregador para que a mensagem alcance resultados positivos. Se o pregador tiver objetividade ao pregar, se visar unicamente à salvação de almas, o sucesso não lhe subirá a cabeça e a mensagem não perderá o seu



alvo. O sucesso verifica-se quando a mensagem redunde em louvor e glória a Cristo, e não ao pregador. O propósito da pregação não é a exibição do pregador, mas a transmissão da mensagem divina com o fim de alcançar o resultado desejado. O pregador não deve chamar a atenção para si. O objetivo da pregação é Cristo, e o seu desenvolvimento deve ser em torno da pessoa de Cristo, e o resultado deve ser Cristo. A objetividade envolve três aspectos de pregação: o alvo, o sucesso, e o resultado.

**2. Transmissão.** O pregador deve receber a mensagem de Deus e transmiti-la aos homens. Paulo Porter, em seu livro *Cartilha do Pregador*, diz: “O pregador deve sempre olhar em duas direções: para Deus, na sua revelação aos homens; e para o povo, a quem ele tem de entregar a mensagem de Deus”.

O pregador não pode ocultar a mensagem de Deus. Ele tem de transmiti-la ao povo. Seu alvo é o povo. Sua mensagem é para o povo.

**3. Experiência.** A mensagem pregada, antes de tudo, deve ser sentida e experimentada na vida do pregador. Ele não poderá convencer o povo sem que ele próprio tenha experimentado a eficácia de sua pregação. O pregador não é um mercador. Ele dá ao povo aquilo que recebeu de Deus: dá de comer da comida que já saciou a si próprio. Ele tem de viver e sentir aquilo que prega. Arthur S. Hoyt escreveu: “O chamado por Deus tem uma visão de Deus, uma visão da necessidade humana, uma visão da oportunidade”.

#### **D. TERMOS RELACIONADOS COM O PREGADOR E COM A PREGAÇÃO**

**1. Prédica** é a prática que, além de instruir o pregador, anuncia verdades religiosas.

**2. Pregar** no conceito popular, é ralhar, fazer discurso maçador, ou repreensão. Noutro sentido, é anunciar sob forma de doutrina, bradar, proclamar, apregoar.

**3. “Kerux”,** no grego significa *heraldo, proclamador, mensagem ou pregador*. O substantivo “kerux” significa, originalmente, *o proclamador imbuído da autoridade do seu superior, seja ele rei, governador ou comandante militar, para levar a mensagem oficial aos seus súditos*. O pregador do Evangelho tem a autoridade oficial do Espírito Santo, para levar a mensagem de Cristo aos súditos do reino de Deus.

**4. “Presbeuo”,** no grego é *embaixador*. Esse significado é atribuído aos pregadores do Evangelho, que são embaixadores da parte de Cristo. Paulo deu ênfase a esse título no seu ministério: Ef 6.19; 2Co 5.20.

**5. “Kerysso”,** no grego significa *o anúncio na qualidade do arauto*; é uma palavra sempre com o sentido de PREGAR, Mt 10.7.

**6. “Dialegomai”** é outro vocábulo grego que quer dizer *discorrer, raciocinar, discutir*. Implica mais em argumentar a boa nova com o sentido de defendê-la contra os adversários, At 17.20.

**7. “Laleo”** é um verbo grego, que significa simplesmente *falar a palavra*, ou *pregar*, Mc 2.2.

**8. “Oikonomos”,** no grego é *despenseiro*. O despenseiro é aquele que trata de assuntos domésticos. É um mordomo. O pregador é despenseiro dos mistérios de Cristo para os homens, 1Co 4.1,2.





# (4)

## CULTIVOS INDISPENSÁVEIS AO PREGADOR

### A. O CULTIVO DA PERSONALIDADE

O pregador deve cultivar uma personalidade moldada na Palavra de Deus. Personalidade pode definir-se como sendo aquilo que caracteriza uma pessoa e a distingue da outra. Analiticamente, é o conjunto das qualidades físicas, intelectuais, sociais e espirituais de uma pessoa. Afirmam os estudiosos que personalidade é *tudo* quanto o indivíduo é; e *tudo* quanto poderá vir a ser. Personalidade é algo vivo que se desenvolve através da educação. Como crentes, a nossa personalidade deve desenvolver-se segundo o modelo de vida cristã, que é Cristo, o Senhor.

A personalidade do pregador tem muito a ver com a influência da sua mensagem. Um artista pode ser um devasso e assim mesmo produzir uma obra que desperte admiração. Um escritor pode ser um dissoluto e, apesar disso, escrever um livro que alcance popularidade.

Com o pregador, porém, é diferente: a mensagem que prega tem de ser a expressão de sua própria vida e experiência; caso contrário, sua pregação será vazia e inexpressiva; será como o bronze que soa, como o címbalo que retine.

O termo *personalidade* é tomado muitas vezes erradamente, como se fosse sinônimo de *individualidade*. Entretanto, a personalidade do indivíduo é a sua identidade, a sua apresentação. É aquilo que na verdade ele é.

A personalidade do pregador deve ser moldada na Palavra de Deus. Deve ter uma influência transformadora nos seus ouvintes. J. W. Shepard diz: “*A personalidade do pregador é como a força motora que faz o sermão acionado pelo Espírito Santo. O sermão não é feito pelo pregador, mas pela sua personalidade.*”

### B. O CULTIVO FISICO DO PREGADOR

O pregador não pode descuidar-se da sua saúde. O cultivo da saúde é fator indispensável na vida do ministro da Palavra. A Bíblia afirma que os sacerdotes do Velho Testamento tinham de ser fisicamente perfeitos. Assim, o pregador (ou o ministro) deve ser um mensageiro em condições perfeitas de saúde. Pode vir a ficar enfermo em função do trabalho. Mas tem de ter com sua saúde. O ministro cristão deve cuidar de seu corpo, exercitando-se, alimentando-se e descansando o necessário, para que possa desenvolver melhor o seu ministério. A Bíblia ensina sobre a mordomia do corpo, e o primeiro a exercê-la deve ser o ministro da Palavra de Deus. Há três fatores indispensáveis para o cultivo físico:

1. *Alimentação adequada.* O corpo tem de receber alimentação adequada às necessidades da vida ministerial. A qualidade, tanto quanto a quantidade da comida deve merecer a atenção do ministro. Certas comidas indigestas e prejudiciais devem ser evitadas. Quando o cérebro se ativa no estudo, o sangue corre mais rápido para esse centro nervoso. Mas o processo de digestão torna necessário o sangue no órgão digestivo. Isto significa dizer que, após as refeições, devem ser evitados os estudos por algum tempo, para a digestão efetuar-se no organismo normalmente. Existe um ditado muito certo que diz: “*Comemos para viver, e não vivemos para comer*”. Um ministro da palavra de Deus não pode deixar-se influenciar-se pela gula.



2. *Exercício físico.* A falta de exercício físico tem exaurido a energia natural de muitos pregadores. A obesidade é um resultado direto da falta de exercício. Note-se que a atividade é uma exigência natural de uma vida saudável. *“A falsa idéia de dignidade ministerial, que não poucos cultivam, prejudica-lhes a saúde, porque pensam que o exercício físico está em desacordo com esta dignidade”*. O pregador cristão deve cuidar do físico para melhor desempenho de seu trabalho.

3. *Descanso suficiente.* O tempo suficiente de sono ajuda a manter o corpo forte e robusto em meios aos trabalhos árduos e pesados. O sono restaura a energia do corpo. *“O corpo é um reservatório de energias. Essas energias são distribuídas para muitos canais do organismo. A perda da energia necessária aos órgãos da digestão, da circulação sanguínea e do sistema nervoso, com as atividades voluntárias: pensamentos, emoções, sentimentos, é aumentada nas horas de trabalho. A restauração das energias é maior nas horas de sono.”*<sup>(1)</sup> O pregador deve descansar, ter horas regulares de sono. Jesus nos deu exemplo: quando se sentia cansado, dormia em qualquer lugar: na popa do barco, na casa de amigos, ao ar livre, ou nos montes. Para o descanso, o pregador deve organizar horários de tal maneira, que os objetivos de seu trabalho ministerial não sejam prejudicados.

## C. O CULTIVO DA ESPIRITUALIDADE

*“O homem em cuja vida se manifesta o Espírito de Deus é espiritual. O seu procedimento é manifestado pelo Espírito. A sua mente está aberta para receber as impressões de Deus mediante a sua Palavra e por outros meios. O seu coração é movido pelos impulsos divinos.”*<sup>(2)</sup> A esses atributos acrescentam-se outros tais como: piedade, devoção, oração, estudo, etc. Trataremos da importância de alguns desses requisitos espirituais e morais que os pregadores cristãos devem possuir:

1. *Piedade*, vem do latim *“pietate”*, e significa *devoção, amor, e respeito pelas coisas religiosas, dó, comiseração, sentimento inspirado pelos males alheios*, procura remediar ou mitigar.

No pregador, a piedade deve ser uma qualidade da alma. É a reverente dedicação à vontade divina. Não é uma atitude estudada ou cheia de afetação nem misticismo ou asceticismo, mas é algo que se mistura com a vida no fortalecimento das virtudes cristãs. Um espírito piedoso torna o pregador mais autêntico e mais realista. A piedade desnuda o egocentrismo, porque visa sempre ao soerguimento espiritual e moral dos fracos, dos caídos: *“Piedade não admite simulações. Tem realismo espiritual que desafia os inimigos comuns da vida.”*<sup>(3)</sup>

A eficácia da pregação tem como primeiro requisito a piedade. Esse requisito incute o zelo ardente, aplica a chama pentecostal nas gélidas reuniões, levando os ouvintes ao quebrantamento espiritual. Eis algumas referências bíblicas: ITm 4.8; 5.4; Hb 12.28; 2Pe 1.3,6.

2. *Devoção.* Esse sentimento significa muito na vida do pregador. A palavra *devoção* deriva do latim *“devotione”*, que significa *sentimento religioso; piedade, observância das praticas religiosas; dedicação*. O pregador que leva a sério sua missão de mensageiro de boas novas, coloca-se a disposição de Deus e do seu Espírito: ele é o controlador e dirigido por Deus.

A devoção deve ser cultivada pelo homem de Deus como um prumo que aponta a posição correta. A devoção leva o pregador a uma vida de separação para Deus. Isto não significa isolamento, mas dedicação do tempo necessário ao estudo sistemático da Palavra. O alimento espiritual do pregador deve ser a Palavra de Deus. O pregador não pode considerar o ministério como uma profissão. O profissionalismo ministerial torna o pregador um presunçoso, um irreverente. O médico precisa acostumar-se a trabalhar





com os que sofrem, sem se comover. O pregador não é assim. Não pode agir por profissionalismo, ou por estar acostumado a cada situação que enfrenta. Ele precisa ter sensibilidade espiritual.

**3. Oração.** No cultivo da espiritualidade, a oração é o ponto de partida, a chave mestra. Os homens e mulheres mais poderosos de que nos fala a história, foram os que prevaleceram em oração. Robert Murray McChene escreveu: *“Estuda a santidade universal da vida. Disso depende a tua própria vida, a tua utilidade plena, pois teus sermões duram apenas uma ou duas horas, mas tua vida prega durante toda a semana. Entrega-te à oração e obtém os teus temas, os teus pensamentos e as tuas palavras diretamente a Deus. Lutero empregava as suas melhores horas em oração”*.

*“A igreja não mais necessita de mais organizações e novos métodos, mas de homens a quem o Espírito Santo possa falar – homens de oração, homens poderosos de oração. O Espírito Santo não se derrama através de métodos, mais por meios de homens ungidos. Deus não unge planos, mas homens – Homens de oração.”*<sup>(4)</sup>

O sucesso da pregação está confiado ao pregador. Ele torna a mensagem profícua ou inoperante. O sermão não é trabalho de uma hora. É o tempo de uma vida. Preparar um sermão na orientação do Espírito Santo equivale a uma estratégia na Escola do Espírito. Cada sermão torna-se uma nova experiência.

E. M. Bounds, em seu livro *O Poder Através da Oração*, diz: *“O pregador é o título de ouro pelo qual o óleo divino flui. O tubo deve ser, não só dourado, mas também aberto e sem rachaduras, para que o óleo flua bem. Sem obstáculos e sem desperdícios”*. Diz mais: *“Deus faz o homem. O homem faz o pregador. O pregador chega a ser mais que a mensagem. O pregador é mais que o sermão. Ele faz o sermão. O homem permanece através do sermão”*.

A oração é a arma mais poderosa do pregador. Na realidade, os mais poderosos e eficientes sermões são preparados de joelhos. As mensagens mais inspiradas e profundas são alcançadas na oração, a sós com Deus. *A oração faz o homem. A oração faz o pregador. A oração fornece verdadeiras mensagens ao pregador. “O púlpito de hoje é pobre em oração. O orgulho da erudição opõe-se a humilde dependência da oração. A oração do púlpito é por demais oficial – um desempenho na rotina do culto. Para o púlpito moderno, a oração não é mais a força poderosa como o era na vida e no ministério de Paulo. Todo pregador que não faz da oração um poderoso fator em sua vida e ministério, é fraco como agente no trabalho de Deus; é impotente para fazer prosperar a causa divina neste mundo.”*<sup>(5)</sup>

A oração é o canal pelo qual o pregador recebe energia espiritual para fazer a vontade de Deus. A oração vivifica o pregador e o torna dinâmico, sensível, aberto para receber as coisas do Céu.

O pregador não pode deixar-se dominar pelas emoções. Deve haver um equilíbrio entre razão e sentimento. Lágrimas não colocam em movimento a maquinaria de Deus. As emoções podem ser apenas como uma brisa suave. Emoção e ardor podem andar juntos na vida de um pregador, mas não representam tudo o que ele precisa.

Bounds diz ainda: *“O pregador pode sentir o entusiasmo do seu próprio brilhantismo, ser eloquente pela sua exegese, ardente para transmitir o produto de seu próprio cérebro; pode usurpar o lugar e imitar o fervor de um apóstolo. Cérebros e nervos podem tomar o lugar e simular a obra do Espírito de Deus e, com essas forças, a letra pode irradiar a luz e brilhar como um texto iluminado, mas esse brilho e sua centelha serão destituídos de vida: serão como o campo semeado de pérola.”*<sup>(6)</sup>

O EU deve morrer na oração, e as aptidões naturais e espirituais deverão ser desenvolvidas sob o controle e obra do Espírito Santo. A oração não pode ser profissional, que enregela e mata, tanto o pregador, quanto sua mensagem. Devemos



evitar as orações secas e fúteis no púlpito. A oração é para dinamizar o ministro e a pregação. A oração em secreto é a base de todo o sucesso ministerial. Antes de subir ao púlpito da igreja, o pregador deve ter o seu próprio púlpito em casa, em separado: o púlpito da oração. O caráter da nossa oração determinará o caráter da nossa pregação. *“Falar aos homens a respeito de Deus é uma grande coisa; mas falar a Deus a respeito dos homens é coisa maior.”*<sup>(7)</sup>

**4. Sinceridade.** Esta virtude dignifica o pregador cristão. Sua pregação deve refletir a verdade contida na sua alma. Paulo destaca a sinceridade quando afirma que *“O amor não seja fingido”*, 1Co 13. Este amor parte de dentro do coração sincero; caso contrário, não passaria de uma imitação, e o pregador não passaria de um artista que consegue dizer uma mentira como se fosse verdade. A sinceridade deve ser invariável na vida e nas atitudes do pregador. Hoje, amanhã e depois; na presença ou na ausência, ele deve ser o mesmo. Em quaisquer circunstâncias a sinceridade deve prevalecer.

A mensagem do pregador deve ser mergulhada na fonte da sinceridade e da verdade. Ser sincero não significa ser sisudo, nem tampouco usar púlpito para ferir determinada pessoa. Ser sincero é ter dignidade, humildade, mansidão e firmeza de propósito. Ser sincero é ser realista e nunca trair sua consciência por interesses alheios ao princípio da sinceridade.

Ser sincero não significa fechar-se dentro de si. Alguns comunicadores acham que é impossível ser sincero quando se trata de comunicação em massa. Entretanto, a sinceridade não afeta em nada a verdadeira comunicação. Ao contrário, ela desperta a simpatia dos ouvintes. Paulo exorta o jovem Tito, pregador e pastor de uma das igrejas gentílicas, a cultivar essa qualidade indispensável ao pregador, Tt 2.7,8.

**5. Humildade.** Outra qualidade moral e espiritual indispensável à personalidade do pregador é a humildade. A fama e a vanglória tentam o pregador: após o sucesso chega a tentação. O orador exerce poder sobre o intelecto dos ouvintes. Esse poder é capaz de fascinar o pregador e levá-lo a pregar para buscar a sua própria glória e não a glória de Deus. O pregador tem de estar intimamente preparado para o sucesso na pregação. Essa preparação é espiritual. É uma consciência de que, tudo quanto faz e fala ao povo, por melhor cultura e espiritualidade que possa apresentar, vem de Cristo, e é para Cristo.

*“O poder dos grandes mestres está no esquecimento de si mesmo”*. Afirmou certo escritor.<sup>(8)</sup> A vitória da humilde tem lugar na queda do EU. Nenhum pregador pode subir ao púlpito sem antes ter descido, pela oração, os degraus da humildade. Na oração, o egoísmo se quebra. O medo se desfaz e a certeza da vitória aparece como a clara luz do sol ao meio-dia.

O pregador deve estar preparado para os elogios. Quando são elogios sinceros, devemos glorificar a Deus, porque o sucesso torna-se, então, um estímulo para o trabalho. Nunca subamos ao púlpito confiados em nossa capacidade, porque corremos o risco de descermos dele derrotados e envergonhados. Subamos, sim, com humildade e carência de Deus e de sua graça. Então, desceremos com nossa fronte erguida e com os lábios cheios de louvores a Deus. Ninguém pode ufanar-se de humildade. Ela é um peso aferidor do equilíbrio do nosso ministério.

**6. Otimismo.** É uma das forças motoras geradas pelo Espírito Santo na alma do pregador, e acionada pelas suas atitudes positivas. O otimismo cristão encara sempre a vida sob um aspecto positivo. Ainda que males e dificuldades cerquem o transmissor da mensagem, o espírito otimista lhe dá energias para vencer os obstáculos.

O pessimista, pelo contrário, nunca vê vitórias nem soluções, nem alegrias. O otimista gera esperança e paz interior, enquanto o pessimismo isola suas vítimas a as leva a autodestruição física, moral e espiritual. O pregador cristão deve cultivar o otimismo sempre real nas experiências dos grandes servos de Deus do passado. O



pregador otimista transmite, em sua mensagem ao povo, a alegria e a esperança que envolvem sua alma. Ser otimista é ter fé na mensagem que prega. É crer no trabalho que realiza. É ter sensibilidade com as coisas espirituais. O pregador que prega sem convicção torna sem auditório pessimista, com tendência para a incredulidade, e para a irresponsabilidade espiritual. O pregador otimista transmite ânimo aos abatidos; conforto aos tristes: inspira confiança aos fracos, e fortalece a fé dos abatidos.

Nunca o pregador deve acomodar-se às situações de derrota e fraquezas dos seus ouvintes, simplesmente dizendo-lhes: *“A vida é assim mesmo, ou conforme-se!”* O pregador tem consciência de ser “o homem de Deus”, aquele que representa o sentimento divino do amor, de paz e de segurança espiritual. Paulo deu o seguinte conselho aos filipenses: *“Que haja em vós o mesmo sentimento que ouve em Cristo Jesus, nosso Senhor!”* Fp 2.5

#### D. O CULTIVO DA INTELLECTUALIDADE

Já discutimos os aspectos físicos e morais da intelectualidade. Agora falaremos sobre o seu cultivo. Em outras palavras, sobre o cuidado de buscar conhecimentos gerais que possam contribuir para o sucesso do ministro da Palavra. Diz J. W. Shepard: *“Jesus escolheu pescadores indoutos para que fossem os seus primeiros pregadores, mas não os deixou na ignorância, antes desenvolveu neles um alto grau de saber. Paulo ensinou que o pregador deve saber o que quer, e que não deve ter de que se envergonhar.”*<sup>(9)</sup>

Aquele que prega ou ensina as verdades do Evangelho precisa conhecer, estudar e aprimorar-se no conhecimento daquilo que prega e ensina. Precisa conhecer profundamente tudo quanto diz a respeito da humanidade.

A intelectualidade não deve ofuscar a espiritualidade, mas deve ser usada em benefício da obra de Deus na terra, e para a glória divina. A busca de conhecimento sempre foi recomendada na Bíblia. O pregador tem de conciliar as duas coisas – intelectualidade e espiritualidade.

O cultivo da mente exige, por sua vez, o cultivo da mordomia do tempo. O pregador deve saber administrar o seu tempo de tal forma, que o peso da intelectualidade e da espiritualidade se equilibrem.

O pregador não deve limitar-se ao preparo do sermão, deve, antes, adotar um método que contribuía para o seu maior desenvolvimento intelectual e espiritual. Quanto mais o pregador aplicar-se ao estudo, mais se abrirá a fonte de inspiração. Quanto maior o conhecimento intelectual o pregador tiver, maior variedade de apresentação terá nos seus sermões.

Administrar o templo implica cuidado, organização e força de vontade. Administrar o tempo é a arte de dividir o tempo, obedecendo a um método na organização de seus estudos e trabalhos diários. A falta de método tem prejudicado seriamente muitos ministros da Palavra. Um programa diário facilitara a organização dos trabalhos e, uma vez adotado, deve ser obedecido.

*“O estudo exegético de um trecho de qualquer livro da Bíblia tomará o primeiro lugar no programa. Seguir-se-á o estudo do texto ou assunto para o sermão do próximo culto. Depois o estudo entrará nos campos teológico, histórico, científico, filosófico, etc.”*<sup>(10)</sup>

Todos esses estudos podem ajudar o pregador na preparação de seus sermões, enriquecendo-os com uma interpretação equilibrada e atrativa. A parte intelectual, no que tange à pregação, somente será válida, se equilibrada pela espiritual, pois esta é o alvo principal e aquela apenas um reforço.



## (5) AS BASES DO SERMÃO

A Bíblia é fonte principal de pregação cristã. Um sermão sem texto bíblico por base é qual árvore cortada na raiz. A base de um sermão é o seu texto bíblico. É impossível desenvolver um sermão, por exemplo, sobre fé, arrependimento, amor de Deus, ressurreição etc., sem base bíblica.

A importância de um texto, a sua escolha e colaboração no sermão serão estudadas neste ponto.

Da palavra latina “*textu*”, que significa tecido, derivado da palavra “texto”. O texto é o tecido da pregação, isto é, a sua base. O texto, na prédica, refere-se à porção escolhida das Escrituras, na qual o sermão será desenvolvido. O texto pode ser um, mais de um, ou apenas parte de um versículo bíblico.

Nos primórdios da Igreja, a pregação era expositiva ou explanativa: os pregadores discorriam sobre passagens das Escrituras, explicando-as aos ouvintes. Havia também o costume de fazer a leitura de um texto do Velho Testamento e depois comentar a leitura feita. Esses comentários eram, às vezes, anotações as margens do livro.

Entre os judeus, havia o costume de ler textos amplos nas sinagogas, e fazer explicações sobre ele. Jesus usou esse método na sinagoga de Nazaré, onde leu um texto e o comentou. Paulo, em Antioquia, na sua primeira viagem missionária, fez um amplo discurso baseado em texto bíblico. A leitura de textos sagrados era um hábito nas sinagogas dos judeus. As escrituras eram honradas e tinham o primeiro lugar nas reuniões: Ne 8.8; At 13.27; 15.21. Entre os cristãos, depois do primeiro século, o uso de textos nas pregações quase foi deixado de lado. Orígenes e os seus contemporâneos, por exemplo, substituíram os textos pela interpretação alegórica.

Em nossos dias há pregadores que não fazem uso de textos bíblicos. Por isso, do ponto de vida espiritual, seus sermões são insípidos, monótonos, vazios: não são ungidos pelo Espírito Santo! Tais pregadores, em lugar de tomarem a palavra de Deus como base em suas pregações, acentuam nelas a retórica. É perigoso fazer isso. O exemplo está em que, com a substituição de textos bíblicos por Orígenes, começou, sutilmente, em algumas regiões, a aceitação de livros apócrifos como canônicos.

A. P. Gibbs, em seu livro *Pregai a Palavra*, apresenta cinco razões da necessidade do uso de texto bíblicos nas pregações:

1. “Dão autoridade a mensagem.
2. Exercem influência restritiva, para que o pregador se mantenha dentro do tema.
3. Unificam o sermão.
4. Preparam o auditório para o sermão.
5. Servem para promover variedade na pregação”.

O uso de textos na pregação é imprescindível porque reforça o conceito de que a Palavra de Deus é a força motriz da pregação. Ao anunciar um texto bíblico como base de um sermão, o pregador está implicitamente proclamando a autoridade da Palavra de Deus. E essa autoridade atinge a pessoa do pregador. Realmente é uma autoridade conferida ao pregador, pois quando ele lê o texto sagrado, o que diz não é exclusivamente seu, mas apóia-se na mensagem divina. O uso de textos na pregação



preserva o sermão das divagações. É necessário que o pregador não relegue o uso do texto, mas que dependa dele em todas as fases do sermão.

## B. A ESCOLHA DOS TEXTOS

É fundamental o trabalho de escolha de textos para uma pregação. Nesse mister, certos princípios e regras devem merecer a devida atenção, para que se evite interpretações distorcidas e erradas. A escolha deve ser feita com sabedoria e espírito de oração.

Para o sermão devem ser escolhidos:

1. Preferivelmente textos que expressem um pensamento completo, isto é, que contenham toda a proposição no sermão.
2. Textos claros (não usar textos obscuros como Jd 6; Mt 27.52; 1Pe 3.19-20, que dependem de estudos profundos).
3. Textos objetivos, isto é, que respondam as necessidades espirituais, físicas, morais e materiais das pessoas quem se destina a Palavra.
4. Textos sobre os quais na haja dificuldade hermenêutica.
5. Textos que não sejam de difícil interpretação, como João 9.31 que diz: “Sabemos que Deus não atende a pecadores.”
6. Textos dentro dos limites de capacidade do pregador para que, ao expor o sermão, não desaponte ao auditório.
7. Textos claros e expressivos, mesmo que sejam conhecidos do auditório, pois a Palavra de Deus é sempre nova e o seu manancial é inesgotável.
8. Textos que legitimem o tema do sermão. Em outras Palavras, o texto é a proposição do sermão. Tema e texto irmanam-se na pregação. Não se deve apresentar um texto e fugir completamente dela falando de outros tema: “*Amor ao próximo* ou, At 28.30, pregar sobre *os deveres dos proprietários e dos inquilinos*. BURT afirma que isso “*são excentricidades indignas do púlpito.*”<sup>(11)</sup>
9. Textos que despertem o interesse do auditório: textos dinâmicos.
10. Textos, cujo fio possa ser lembrado com facilidade pelo pregador e não esquecido pelo auditório.

## C. A INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

Ao formar a base de um sermão, deve o pregador seguir as regras que determinam a interpretação do texto, para evitar desvios doutrinários ou o uso de interpretações supérfluas que podem acarretar danos espirituais aos ouvintes. Eis algumas regras básicas para interpretar textos bíblicos:

1. *Interpretar fiel e corretamente o texto.* É dever sagrado do pregador interpretar e aplicar o texto de acordo com o sentido real. Para isso deve verificar se a linguagem é *literal* ou *simbólica*.

Se tomarmos, por exemplo, o verbo lavar, descobriremos que é usado em dois sentidos: literal e simbólico. Exemplo: a Naamã foi ordenado lavar-se sete vezes no rio Jordão = sentido literal; porém, em 1Co 6.11, fala-se de os crentes serem *lavados* – sentido simbólico.

Devemos ter cuidado de deixar nos ouvintes a impressão que só é Palavra de Deus aquilo que o texto expressa. Infelizmente, este princípio de interpretação tem sido violado por muitos pregadores. Nunca se deve dar ao texto o sentido que ele não tem; sentido que se ajeite ao que queremos ensinar ou reprovar. John Broadus diz que existe muito abuso por parte de alguns pregadores que espiritualizam grosseiramente palavras claras. Ele chama, a isso de “método de acomodação.”<sup>(12)</sup>

2. *Recorrer ao Contexto.* Recorrer ao contexto significa examinar o que procede e





o que sucede ao texto. Há uma regra em hermenêutica que manda não interpretar isoladamente um texto, mas recorrer sempre ao seu contexto. Há textos que, isoladamente, parecem estranhos, mas o contexto os elucida. *“O hábito de tomar-se isoladamente um versículo ou alguma expressão que o apóie o nosso próprio pensamento, embora não seja o sentido real da passagem, é erro de acomodação.”*<sup>(13)</sup>

**3. Explicar a Escritura pela Escritura.** A Bíblia esclarece o que ensina.

O confronto da Bíblia com a Bíblia resolve as aparentes contradições, e esclarece o texto, enriquecendo-o, completando-o. Quando lemos em Números 22.24 acerca de Balaão, ficamos indecisos quanto ao seu caráter íntimo – foi ou não foi um profeta de Deus. A Bíblia é um todo. Todas as respostas exigidas pelas suas perguntas ela as dá. Esse ponto é chamado também de *“passagens paralelas”*.

#### D. A SELEÇÃO DE TEXTOS

O texto é a parte vital da pregação, sem o texto ela é algo vazio. Por isso, a seleção do texto de um sermão exige do pregador meditação na Palavra e direção do Espírito Santo. Para que o pregador seja bem sucedido nisso, sugerimos mais quatro requisitos:

**1. Escolher texto que falem primeiramente consigo.** Antes de tentar convencer o seu auditório acerca do que diz o texto, o pregador tem de sentir a verdade que o texto expressa, para que na exposição da mensagem possa convencer realmente o auditório. O pregador precisa ser convencido pelo Espírito da mensagem do texto sobre o qual irá pregar. O pregador deve permitir que a Palavra de Deus observe completamente a sua alma, para que possa transmiti-la com unção.

**2. Escolher um texto objetivo para cada sermão.** Já tocamos levemente neste ponto, mas queremos fortalecer o princípio de que o texto escolhido deve ter finalidade. Deve levar uma mensagem de satisfação à alma humana.

**3. Escolher um texto que apele à imaginação,** um texto que apresente *“algo que ver, algo que sentir, algo que fazer.”*<sup>(14)</sup> O pregador deve apresentar um fato concreto para elucidar um texto meio abstrato. Um exemplo para este ponto é o do profeta Natã, que, para sensibilizar a consciência do rei Davi sobre seu pecado, não fez um longo discurso a respeito do perigo do adultério, mas apelou para sua imaginação, e a imaginação feriu a consciência do rei. No final do quadro, Natã fez a aplicação de seu pequeno sermão dizendo: *“Tu és este homem!”*, 2Sm 12.1-7. Cristo foi um mestre em todos os sentidos no ministério da Palavra e usou muitas vezes a imaginação dos seus ouvintes, Lc 10.29-37.

**4. Procure não usar textos múltiplos num sermão.** Nenhum pregador é proibido de usar tantas referências bíblicas quantas desejar, mas isso é diferente de usar diversos textos para basear um sermão. Devi-se limitar a um só texto para cada sermão. Em alguns casos, porém, é possível usar mais de um texto num sermão. No entanto, o emprego de mais de um texto pode dar ao sermão falta de unidade.

Somente pregadores de certa experiência no campo da homilética podem usar textos múltiplos com proveito, mas isso exige domínio total das técnicas que compõem o sermão com textos múltiplos.

Algumas sugestões para o uso de *textos múltiplos* no sermão podem ser usados:

- a. Para perguntar e para responder as perguntas: Sl 8.4; Rm 8.16;
- b. Para apresentar um problema e apontar a solução: Lc 21.25; Jo 14.27;
- c. Para apresentar contraste;
- d. Com o intuito de apresentar vários aspectos de uma mesma verdade, Gl 6.2; Gl 6.5; Sl 55.22;
- e. Para mostrar a seqüência progressiva de um pensamento, Jo 7.12; 10.20; Mt 16.16.



## (6)

# O TEMA DO SERMÃO

A definição básica do texto e sua escolha é a de fornecer ao pregador o tema do sermão. É claro que um tema não surge apenas de um texto tirado de um texto bíblico, mas este é, indiscutivelmente, a fonte principal para a descoberta de temas de pregação.

O texto é a raiz do tema. Às vezes é o Espírito Santo que aviva a mente do pregador sobre um certo texto bíblico, do qual tirará o tema (ou assunto) a ser desenvolvido. Outras vezes, o tema pode surgir na sua mente antes da escolha de um texto. Bastará, então, ao predicante procurar com cuidado o texto a ser adaptado ao tema.

### A. DEFINIÇÃO DE TEMA

Homileticamente, o tema é o assunto da mensagem. É a verdade central do sermão. Uma pregação que sem um tema que coordene o seu desenvolvimento é como um navio sem leme, andando à deriva. Uma pregação sem tema pode ter belos pensamentos e pode passear por toda a Bíblia, mas o resultado não será bom. O ouvinte terá dificuldade de assimilar o assunto da mensagem. Na realidade, o tema é o sermão resumido; é a essência daquilo que se vai falar.

### B. TERMOS INTER-RELACIONADOS NA APRESENTAÇÃO DO SERMÃO

**1. Tema.** Define-se o tema como a matéria de que se vai falar ou tratar no sermão. É a idéia central do sermão, isto é, o assunto dele.

**2. Título.** Há uma distinção entre tema e título. O título de um sermão é o nome que a ele se dá, ou seja, é o seu encabeçamento. O propósito primordial de um título é o de mostrar a linha de pensamento que se vai apresentar no sermão. O tema envolve *o todo* de um sermão. O título é o nome que se dá a esse *todo*.

**3. Proposição.** É aquilo que se vai propor no sermão. É uma tese. A proposição é uma declaração na forma mais concisa possível, do tema que há de ser discutido na pregação. É a informação aos ouvintes do que se pensa dizer acerca do tema. É a apresentação do que há de ser explicado ou provado. Aplica-se mais ao tipo de *sermão expositivo*, ou em *estudos bíblicos*. A proposição envolve o esboço do sermão, e este desenvolve a proposição.

### C. FORMAS DE TEMA

**1. A forma lógica,** que apresenta um pensamento de um modo resumido.

Dois exemplos:

- a.** Jo 3.5 – O novo nascimento é essencial à entrada no reino de Deus.
- b.** 1Jo 2.1 – Jesus Cristo é o advogado dos pecadores.

**2. A forma retórica.** Esta formação não requer que o tema seja expresso por um pensamento completo, mas facilita a criatividade do pregador na formação de tema mais objetivo, expresso por uma frase que não exige pensamento completo.

Dois exemplos:

- a.** Jo 3.5 – O novo nascimento;
- b.** 1Jo 2.1 – O advogado dos pecadores.



## D. QUALIDADES DE UM TEMA

O tema de um sermão deve ser bem escolhido. Deve ser espiritual acima de tudo, e sem ares profissionais ou mecânicos. O pregador verdadeiro não sobe ao púlpito como um mercador que escolhe palavras bonitas para vender seus produtos. Um tema cristão nasce duma inspiração divina em alguma coisa que se viu, leu ou sentiu.

Alguns requisitos indispensáveis na escolha e colocação de um tema devem nortear o pregador:

1. *O tema deve ser objetivo* – Este requisito é fundamental na escolha de um tema para o sermão. As formas lógica e retórica explicam, em parte, essa exigência.
2. *O tema deve ser vital* – O pregador não pode perder-se com assuntos triviais ou inexpressivos. Desde o princípio, o tema deve chamar a atenção dos ouvintes.
3. *O tema deve ser pertinente* – O assunto do sermão precisa ser mantido: não se pode figurar dele. Deve-se ficar dentro daquilo que se propôs apresentar. Cada ponto tem de ter pertinência com o outro ponto do sermão.
4. *O tema necessita de ter uma legítima relação com a Bíblia* – Janes D. Crane afirma que só há três maneiras legítimas de tirar o tema do texto.
  - a. o tema pode ser encontrado diretamente no texto;
  - b. o tema pode ser inferido no texto por procedimentos lógicos, tais como a inferência por dedução, por indução ou analogia;
  - c. o tema pode ser surgido pelo texto.

## E. REQUISITOS IMPORTANTES PARA A ESCOLHA DE UM TEMA

1. Fugir de temas triviais e frívolos.
2. Escolher temas de fácil comunicação.
3. Definir-se por temas que produzam bênçãos.
4. Escolher temas apropriados à época, lugar e ocasião.
5. Escolher temas que se possam desenvolver facilmente.

## F. PONTOS DE CULTIVO

O pregador deve observar o seguinte:

1. Ter sempre em mãos uma caderneta de anotações, de fácil acesso, para anotar pensamentos ou idéias novas que brotarem em sua mente nas mais diversas circunstâncias e lugares. Desse cultivo, o pregador poderá tecer muitas mensagens.
2. Mensagens poderão surgir por inspiração do Espírito Santo, através da leitura de um livro, jornal ou revista; em casa, na viagem etc. Um incidente qualquer, uma notícia pelo rádio, uma frase lida ou ouvida, podem inspirar o pregador a descobrir bons temas de pregação.
3. Ler muito e saber escolher bons livros. Não somente livros de cunho evangélico, mas também seculares, que muito poderão enriquecer o conhecimento intelectual do pregador.
4. Estar sempre em dia com os assuntos atuais. Os meios de comunicação lhe darão uma idéia geral dos problemas mundiais. O pregador precisa estar a par dos acontecimentos.
5. Estes pontos não excluem, de maneira alguma, a principal fonte de inspiração do pregador, que é a meditação da Palavra de Deus, com oração.
6. Os temas e assuntos podem também surgir de pesquisas. É bom separar





assuntos de revistas e jornais e recortes, guardando-os para posteriores pesquisas. Esses recortes podem ser catalogados por assunto, e organizados em pastas ou gavetas especiais.

## G. TIPOS DE TEMAS

Os tipos de temas são diversos, mas os principais que os regem não mudam. Um sermão precisa ter estrutura, o que exige unidade homilética.

Três requisitos da unidade homilética: <sup>(15)</sup>

1. O sermão deve ter um só tema.
2. O sermão deve ter um propósito específico.
3. No sermão deve ser empregado unicamente o material de elaboração mais apropriado, tanto para o tema como para o propósito específico.

Devem-se evitar dois tipos: os temas *plurais* e os temas *demasiado gerais*. Esses dois tipos tendem a fugir da unidade homilética.

Eis alguns tipos de temas.

**a. Tema em formação de pergunta.** É um tipo fácil de se desenvolver, porque o seu desenvolvimento é a resposta. Exemplos:

- “Que farei de Jesus chamado Cristo?”
- “Que farei para herdar a vida eterna?”
- “Que posso fazer para me salvar?”

**b. Tema sob forma de uma palavra ou uma frase** – A frase ou palavra enfática determinará o desenvolvimento do sermão.

Exemplos:

1. com uma palavra: *Fé*;
2. com uma frase: *Sem fé é impossível agradar a Deus.*
- c. Tema em forma de uma declaração** – Uma simples declaração bíblica ou uma ordem determinará o desenvolvimento da mensagem, indicando o significado e a prova da declaração.

**d. O tema histórico** – O tema histórico é o desenvolvimento de um fato passado contido na Bíblia, com o fim de tirar lições que sirvam para os dias atuais.

**e. Tema imperativo** – Esse tipo vem sob forma de um mandamento ou ordem bíblica. O seu desenvolvimento obedece às quatro divisões comuns de um sermão: *que? por que? como? e, que então?*



# (7)

## A ESTRUTURA DO SERMÃO

Três são as partes essenciais que formam a estrutura de um sermão: **Introdução**, **Plano** e **Conclusão**. A introdução chama-se também, *Exórdio*, e à conclusão, *Peroração*.

A estrutura propriamente dita é a organização do sermão com suas divisões técnicas, que servem para orientar o pregador na apresentação da mensagem.

Na verdade, a estrutura é o esqueleto do sermão. Ela lhe dá uniformidade, isto é, nela os pontos, ainda que distintos uns dos outros, formam uma associação de idéias, que finalizam num só alvo. A finalidade da estrutura num sermão é nortear o seu desenvolvimento.

### A. INTRODUÇÃO

A introdução é a parte do sermão que serve como ponto de contato entre o pregador e o auditório. Normalmente, a introdução é a ultima parte a ser feita na preparação, visto que o pregador deve, antes de tudo, formar os ângulos a serem atingidos. Tendo uma idéia geral do sermão, devidamente estruturada, pode então preparar eficazmente a introdução.

A introdução deve conter outros aspectos técnicos. São aspectos psicológicos. Para começar um sermão, o pregador deve saber discernir o tipo de auditório, ao qual falará. Deve desenvolver a habilidade de preparar o seu auditório espiritual e psicologicamente para ouvir o sermão que irá apresentar. Em outras palavras, *“a introdução de um sermão deve fazer com que os ouvintes sintam boa disposição para escutar o pregador; deve fazer com que lhe prestem atenção, e que fiquem desejosos de receber a mensagem que o predicante deseja apresentar.”*<sup>(16)</sup>

Saber entrar no púlpito e dele sair é uma arte aprendida na experiência. Depois de haver fixado o propósito do sermão, escolhido o texto, determinado o tema, e organizado o esboço, então o pregador estará pronto para preparar a introdução. A introdução é a ponte entre o tema e a primeira divisão da predica.

A introdução ou o exórdio é inteiramente preparatória. É mostrar, em síntese, a proposição da predica, sem a tentação de querer desenvolvê-la antes de ser apresentada. A introdução é a prepara a mesa. É mostrar o “*menu*” a ser servido. É despertar o apetite, apenas, porque o comer implica em sentar-se à mesa e começar a saborear a comida anunciada.

A introdução não deve apresentar varias proposições. Em regra, ela inclui uma só idéia, para não confundir a mente do auditório nem desviar a sua atenção.

Uma boa introdução deve ser:

1. *Breve*. Certa senhora crente disse de um pregador inglês muito conhecedor das Escrituras: “*Ele é um grande homem de Deus, porém, em suas mensagens, gasta tanto tempo ‘pondo a mesa’ que fico sem apetite de comer a comida que apresenta*”.
2. *Apropriada*. Por isso mesmo é aconselhável que se faça a introdução por ultimo. O seu objetivo é levar os ouvintes para dentro do sermão, e não o de afastá-los dele.
3. *Interessante*. Uma introdução seca e inexpressível perderá, sem duvida, o



Interesse do ouvinte. O propósito inicial deve ser o de atrair a atenção dos ouvintes para o assunto que se vai falar. Para que a introdução seja interessante, o pregador não precisa ser prolixo, mas objetivo.

**4. Simples.** A simplicidade entra aqui como uma qualidade indispensável ao pregador. Sua maneira de começar um sermão não pode ser arrogante. A introdução não deve prometer demais, mais despertar o interesse para o sermão, Dizem alguns mestres de homilética que os primeiros minutos de todo pregador são “*os minutos críticos*”. Na introdução, o pregador conquista ou perde a atenção do auditório. Há um outro ditado que afirma: “*Um sermão bem começado é meio caminho andado.*”. O pregador deve excluir o “EU”, da introdução, principal.

Há vários modos de obter uma boa introdução:

**a.** *O texto* pode fornecer o ponto de partida. O texto explicado na introdução, para Certos tipos de sermões, pode indicar o propósito daquela Escritura, o que poderá despertar o interesse do auditório pelo assunto.

**b.** *O contexto* pode ser o do próprio texto, como também um contexto histórico, ou biográfico, ou doutrinário. Pode ser uma descrição de algum lugar ou um evento relacionado com a passagem bíblica. Também uma alusão histórica sugerida pelo tema pode fornecer um bom começo na introdução.

**c.** *Os aspectos geográficos e históricos* numa introdução exigem do pregador uma pesquisa. Se o sermão contém um fato histórico ocorrido junto ao Mar da Galiléia, por exemplo, o pregador pode explorar a beleza e a posição geográfica do referido lugar, conquistando de imediato o interesse do auditório. Geralmente, os aspectos históricos fornecem boas idéias para um exórdio; os costumes da época ligados ao fato, por exemplo.

**d.** *A ocasião.* A relação com o fato do dia ou da semana pode sugerir uma idéia; também um artigo interessante de algum jornal ou revista; ou um fato que tenha causado impacto – tudo pode ser explorado pelo pregador para uma introdução agradável.

## B. O PLANO

Dentro da estrutura do sermão, *o plano* é a parte principal. Ele tem haver com a ordem das divisões. Esta parte é chamada, também de *o movimento do sermão*. O plano é a discussão da predica, ou melhor, é o esqueleto com as partes colocadas em seus lugares, que devem ser revestidas com o desenvolvimento dinâmico do sermão.

Várias designações são dadas pelos mestres de homiléticas ao *plano*, como seja: *argumentação, tratamento, divisões, e movimento e discussão*, as quais em nada diferem uma da outra.

Na realidade, o plano é o esboço do sermão com suas divisões. Vamos chamar esse plano de *o movimento progressivo do sermão*.

Ao dar início ao movimento de esboço (ou plano) do sermão, o pregador já deve ter estabelecido o seu ponto de contato com o auditório e despertado o interesse dos ouvintes pelo assunto que vai apresentar.

Para manter o movimento progressivo do sermão, o pregador deve observar quatro requisitos, dos quais dependerá o desenvolvimento do esboço, a saber:

**1.** *O sermão deve possuir uma ordem própria nas divisões.* Um sermão movimentado sem ordem é como um motim que tem movimento e progresso, mas não ordem. Pregar um sermão sem coordenar os pensamentos, é não acertar o alvo. Cada pregação tem características próprias na apresentação de seus sermões, mas não poderá fugir de



algumas regras de homilética que conduzem com sucesso o movimento progressivo de um sermão.

As regras vitais são as seguintes:

**a.** *dar ordens lógicas aos pontos e subpontos de um sermão.* Cada ponto (ou divisão) deve corresponder ao outro ponto. O pregador deve ter em mente que cada divisão representa um movimento apenas dentro do sermão. São duas ou três divisões e não dois ou três sermões dentro de um sermão. Cada divisão representa uma parte do todo;

**b.** *as divisões devem obedecer a uma ordem ascendente,* isto é, os argumentos mais fracos devem conduzir aos mais fortes. As divisões devem ser crescentes, devem aumentar em forças a medida que progridem. O pregador começa pelos pontos negativos para despertar interesses pelos positivos. Por exemplo: se o tema é *Cristo é o salvador para o mundo perdido*, devem apresentar primeiro os pontos negativos e terminar com os positivos. Deve dizer primeiro que os perdidos perecerão, e depois que Cristo salva.

**c.** *A ordem do esboço de ser cronológica.* Essa cronologia no esboço tem a ver com a evolução natural de um ponto principal para outro;

**2.** *O segundo requisito trata da transição de um pensamento para outro pensamento.* Certos pregadores tem dificuldade na transição, isto é, na passagem de um pensamento para outro. O pregador deve fazer uma ponte para essa passagem, de tal maneira que o raciocínio do auditório passe para o outro lado suave e solenemente. James D. Crane, diz: “*O movimento progressivo do sermão não deve ser como o arranque ou partida brusca de um trem cargueiro, mais como o suave deslizar de um moderno trem de passageiros conduzido por maquinista perito.*”<sup>(17)</sup>

**3.** *As divisões devem ser pertinentes com as necessidades presentes.* Todo e qualquer ponto, mesmo que seja de fundo histórico ou biográfico, deve ser pertinente às necessidades atuais dos ouvintes. Isto implica em trazer sabiamente um fato passado para ser aplicado ao presente. O tempo presente deve predominar em todo o sermão.

**4.** *As divisões devem eliminar toda a digressão desnecessária.* (A palavra digressão refere-se ao desvio do rumo ou do assunto.) Quando o plano não é bem preparado, o pregador corre o risco de perder-se dentro do sermão. A preparação inadequada desvia o rumo, e, porque o pregador tenta encontrar o fio do pensamento, fica fazendo círculos. O movimento progressivo do sermão sofre interrupções pela excursão não premeditada no esboço feito. A digressão pode acontecer também quando o pregador lembra de algum pensamento não apresentado e, então, resolve expô-lo. Isto fá-lo perder o rumo e não chegar ao fim do pensamento proposto.

### C. A CONCLUSÃO OU PERORAÇÃO

Na conclusão, o pregador deve apresentar o clímax de sua pregação. A aplicação final e definitiva de todo o sermão está na conclusão. Esta parte é tão importante como a introdução. O êxito da pregação depende de uma boa conclusão. O clímax é o ponto culminante do sermão quando, tanto o pregador como o auditório, estão movidos pelo Espírito Santo. É quando o aspecto psicológico do auditório é despertado através do intelecto, do sentimento, e da vontade.

A conclusão pode ter várias aplicações, como seja:

**1.** *A recapitulação.* Recapitular não significa pregar outra vez, mas implica em



relembrar, sucinta e dinamicamente, os pontos principais, os pensamentos-chaves, os pontos fortes e positivos, sem discuti-los outra vez. É uma forma de evitar conclusões improvisadas.

**2. Narração.** Narrar um fato que possa servir a pregação pregada, pode cativar o interesse do auditório, bem como comovê-lo para uma decisão.

**3. Persuasão.** Um bonito sermão que recebe aplausos e elogios, mas não leva a persuasão, é como o barulho de latas vazias. Persuasão é a meta principal do sermão: levar o ouvinte a uma decisão; é trabalho duro empregado durante toda a pregação, e exige graça e unção do Espírito Santo.

**4. Convite.** Todo sermão deve concluir com um convite, seja ele um sermão para a igreja ou para pecadores. O convite enquadra o propósito específico da pregação. Dentro da conclusão, o convite deve ser inteligente, claro, insistente, sério, espiritual. De nada valerá um sermão bem organizado, sem uma vitoriosa conclusão que é o seu píncaro.

# (8) ESPÉCIES DE SERMÕES

Basicamente, há três espécies de sermão. Essa classificação é a mais preferida dos pregadores. São:

- A. SERMÕES TÓPICOS**
- B. SERMÕES TEXTUAIS**
- C. EXPOSITIVOS**

Estas três espécies abrangem vários tipos. Podem ser usadas nas mais diferentes ocasiões, conforme a necessidade, o lugar e as circunstâncias. Estes três tipos são apenas as formas de conduzir uma mensagem, aproveitando todas as possibilidades científicas que a homilética oferece ao pregador na preparação de sermões.

Todas as formas possíveis, coerentes e verdadeiras usadas na preparação são válidas, desde que não anulem a ação do Espírito Santo na apresentação.

Analisemos as três espécies:

## **A. SERMÕES TÓPICOS**

Esta espécie de sermão é chamada também *sermão temático* ou *sermão do assunto*. A divisão deriva-se do tema ou assunto apresentado e é independente do texto. Neste tipo de sermão, o texto pode fornecer o pensamento para o assunto de que se vai tratar. No sentido técnico, “o sermão tópico é aquele que deve sua forma ao desenvolvimento da verdade que está em volta do tema.”<sup>(18)</sup>

O pregador pode exercer sua capacidade analítica e imaginativa, para usar diferentes modos de dividir o assunto que deseja apresentar. O sermão tópico envolve criatividade e versatilidade da parte do pregador. Esta forma oferece algumas vantagens:

1. Dá maior unidade no sermão.
2. Dá maior campo de ação para desenvolver o tema.
3. Adestra a mente do pregador na análise lógica.

Saber conduzir um sermão ao seu ponto culminante exige do pregador muita habilidade no falar; exige discernimento e sabedoria. Toda idéia abstrata deve ter soluções concretas, através de ilustrações variadas adquiridas no campo de conhecimentos gerais.

Um exemplo de sermão, apresentando apenas os pontos principais.

Tema: O evangelho da Salvação.

Texto: Rm 1.16.

Introdução:

- a. A fonte do evangelho (o que é?);
- b. A razão do evangelho (por que?);
- c. A imanência do evangelho (que então?).

Conclusão:

Várias esboços estão na parte final deste livro, os quais contribuirão para um entendimento maior da técnica da preparação de sermões.



## B. SERMÕES TEXTUAIS

Aqui, o plano do sermão é tirado do texto. Suas divisões são encontradas nas próprias palavras escolhidas para basear o sermão. Consiste em selecionar alguns versículos, um versículo, ou mesmo uma parte de um versículo como texto. As divisões do sermão textual podem ser:

- 1) Divisão natural.
- 2) Divisão analítica.
- 3) Divisão sintética.

1. *Divisão natural*. Este tipo de divisão é encontrado no próprio texto. A distinção das idéias está no texto e apenas deve ser posta em destaque. Não é preciso nenhum esforço para descobrir a divisão natural no mesmo texto bíblico, visto que ali ela é sugerida. Este tipo de divisão permite ao pregador usar as próprias palavras do texto. Pode também usar um só palavra.

Exemplos: *I Co 13.13* apresenta três divisões naturais, cujo tema tirado do próprio texto fica a critério do pregador.

Primeira divisão. FÉ.

Segunda divisão. ESPERANÇA.

Terceira divisão. AMOR.

Do mesmo modo podem fornecer idéias: Is 9.6; IJo 2.16; Jo 11.35, e outros.

2. *Divisão textual analítico*. Este tipo de divisão baseia-se em perguntas: quem? que?

quando? por que? como? e, onde? O tema do sermão textual analítico é tirado da idéia geral do texto. As melhores divisões são formadas pelas partes principais do texto e apresentadas na mesma ordem em que ali aparecem: IPe 2.9; Ef 5.20; Mt 6.33.

Exemplo dos pontos principais:

Temas: O arrependimento do filho pródigo.

Texto: Lc 15.17-24.

- a. reconheceu seu estado perdido;
- b. resolveu voltar ao lar;
- c. confessou seu pecado;
- d. foi recebido e perdoado;
- e. reconquistou seus direitos perdidos.

Outro exemplo:

Tema: Jesus visita um pecador

Texto: Lc 19.1-10.

- a. foi uma visita inesperada – v 1;
- b. foi uma visita transformadora – v 8;
- c. foi uma visita salvadora – vv 9,10.

3. *Divisão textual sintética*. A divisão sintética dá o pregador o direito de organizar seu esboço sem se preocupar com a ordem das praticas do texto.

Tanto ordem das partes do texto quanto o tema podem ser mudados pelo pregador como melhor lhe convier. Enquanto as divisões, natural e analítica não podem ser mudadas, a divisão sintética pode: o pregador tem a faculdade de adaptar cada divisão na ordem que desejar, sem se prender à ordem cronológica. A palavra *sintética* é relativa à síntese, ao resumo. O pregador pode sintetizar ou resumir as partes do texto.

**Exemplo 1:** Mc 6.34-38.





Tema: *Despenseiros de Deus.*

Texto: Mc 6.34-38.

- a. visão vv 34,38.
- b. compaixão – v. 35.
- c. provisão – v 37.

**Exemplo 2:** Mt 8.5-13.

Tema: *Jesus é a solução.*

Texto: Mt 8.5-13.

- a. buscando a Jesus – vv 5,6.
- b. humilhando-se perante Jesus – vv 8,9.
- c. satisfazendo a Jesus – v 10.
- d. recebendo a solução de Jesus – v 13.

### C. SERMÕES EXPOSITIVOS

O sermão expositivo está diretamente ligado ao sermão textual, com a diferença de que o seu desenvolvimento é feito sob as regras da exegese bíblica, e não abrange um só versículo, mas uma passagem, um capítulo, vários capítulos, ou mesmo um livro inteiro.

O sermão expositivo é o que faz a exegese do texto escolhido. É o desenvolvimento de uma verdade contida com uma passagem bíblica. É um método que exige estudo e tempo da parte do predicante na preparação do que vai expor. A palavra *expor* deriva de duas outras do latim – “*ex*” e “*pono*”. O prefixo “*ex*” significa *fora* e “*pono*” quer dizer *colocar*. Objetivamente, um sermão expositivo significa colocar fora, mostrar, exhibir uma verdade contida num determinado texto das Escrituras.

O sermão expositivo é primordialmente bíblico, porque se ocupa em interpretar, literal ou figurativamente, a passagem ou o texto bíblico em estudo. O método lógico é o meio utilizado para formar as suas divisões. James D. Grance lhe dá a seguinte definição: “*Sermão expositivo é aquele cujo tema é encontrado diretamente no texto, sendo seu desenvolvimento feito com material que possua uma reta interpretação e tenha um propósito que se harmonize com o significado original do texto.*”<sup>(19)</sup>

Alguns conselhos úteis quanto ao uso de sermões expositivos podem contribuir para uma compreensão mais ampla desse engenhoso tipo de pregação.

1. Não fugir do texto: ficar nele, explicá-lo.
  2. Ser prático na aplicação da passagem exposta.
  3. Estudar plenamente o texto: estudar cada versículo, cada frase, cada palavra! Não ser superficial. Ter pleno conhecimento do texto a apresentar no sermão.
  4. Evitar a monotonia. Escolher textos de diferentes partes das Escrituras. Escolher passagens interessantes que tenham algo de positivo a ser exposto depois de explicado o texto.
  5. Cultivar a meditação e a oração que é a fonte da inspiração e o segredo do sucesso.
  6. Cultivar a leitura sistemática da Bíblia. Pensar em cada palavra ou versículo. Orar, e pedir iluminação ao Espírito Santo sobre o texto lido.
  7. Procurar sempre despertar o interesse da igreja por esse tipo de sermão, persuadindo-a com pregações expositivas que atinjam em cheio as necessidades espirituais de cada crente em particular.
  8. Variar, a cada oportunidade os tipos expositivos, para evitar a monotonia.
- Exemplo de sermão expositivo tirado de um *capítulo da Bíblia*.





*Tema: Cristo, o Senhor*

## Capítulo 1 de Colossenses

1. *Saudação* – 1.1-12.
  - a. saudação inicial de Paulo – 1.1,2;
  - b. ação de graças -1.3-8;
  - c. intercessão pelos colossenses -1.9-12.
2. *Cristo, o Senhor pleno* – 1.13-23
  - a. Senhor da redenção – 1.13,14;
  - b. Senhor da criação – 1.15-17;
  - c. Senhor da Igreja universal – 1.18-20;
  - d. Senhor da igreja local em Colossos – 1.21-23.
3. *Cristo, o Senhor do ministério de Paulo* – 1.24-29.
  - a. um ministério de sofrimento – 1.24;
  - b. um ministério de serviço – 1.25-27;
  - c. um ministério pastoral – 1.28;
  - d. um ministério de responsabilidade – 1.29.

Este exemplo é o exemplo de um capítulo exposto, mas pode-se tomar parte de um capítulo exposto, ou até um livro. O comentário dessas divisões tem de ser exegético, isto é, a passagem deve ser interpretada a luz das demais Escrituras.



## (9)

# AS DIVISÕES DO SERMÃO

As divisões de um sermão estão diretamente ligadas à sua *estrutura*, que é tratada no capítulo 7. Entretanto, o assunto merece aqui um estudo em separado. Na estrutura temos o esqueleto do sermão. Nas divisões estudamos as partes do esqueleto, que é o *corpo do sermão* dividido e subdividido. A exposição dos argumentos obedecerá a uma ordem lógica para facilitar o seu desenvolvimento e ajudar a memória do pregador, a lembrar dos pontos principais de sua mensagem.

As divisões podem ter subdivisões quantas forem necessárias. Entretanto, “*precisam ter um elo de ligação, de modo que sejam distintas e conservem a ordem lógica.*”<sup>(20)</sup> Objetivamente, as divisões e subdivisões devem ter tríplice exposição: EXPLICAÇÃO, PROVA e APLICAÇÃO. Estes três modos são o princípio, meio e o fim.

### A. REQUISITOS PARA A ELABORAÇÃO DAS DIVISÕES.

Quatro requisitos são indispensáveis à elaboração das divisões:

1. Uniformidade.
2. Simetria.
3. Transição.
4. Pertinência.

**1. Uniformidade.** Um sermão tem de ser uniforme, isto é, invariável nas suas divisões. Cada divisão principal do esboço deve ter relação uniforme com a outra divisão. Se a forma dada ao sermão for a tópica, todo o sermão deve ser desenvolvido nessa forma. Se for a textual, não se deve fugir desta forma durante todo o ponto.

Todos os pontos principais devem ter a mesma classe de relação com o tema (ou assunto) do sermão. Para cada plano (ou esboço) há um princípio de divisão, que é rígido pela forma empregada. É a uniformidade de relação entre os pontos principais do esboço.

**2. Simetria.** É a harmonia resultante de certas combinações e proporções regulares. É o que forma a posição das partes que estão em lados opostos. As divisões de um sermão, ainda que distintos, devem harmonizar-se com o seu propósito e tema.

Não há simetria nem harmonia na seguinte divisão:

Tema: *A cura do leproso:*

- a) Jesus morreu na cruz;
- b) O leproso ficou curado;
- c) Naamã foi purificado.

Num tipo de divisão como esse, as divisões, além de serem opostas, não se harmonizam nem se combinam. Na simetria, os pontos principais (ou divisão principal) podem ser opostos, mas devem harmonizar-se com o tema e o propósito de sermão.

**3. Transição.** Este requisito trata do cuidado que o pregador deve ter na passagem de um ponto para outro. Em cada divisão o pregador deve fazer uma *ponte de passagem* para o ponto seguinte. Essa ponte servirá para evitar um salto precipitado. A transição deve ser feita maciamente, de maneira que o ouvinte não seja apanhado de surpresa e



possa acompanhar, sem dificuldade, o progresso do sermão. Um salto precipitado pode levar o pregador a perder-se e não encontrar mais o *fio da meada*.

A transição deve ser feita por um processo lógico, isto é, cada ponto ou pensamento passa para o outro ponto, mas devidamente relacionado com o ponto anterior e o posterior. Os pontos e subpontos devem ter correspondência, para que a transição (ou ponte) seja perfeita, natural e não forçada. As transições de um pensamento para o outro devem ser feitas com perícias, para evitar choques bruscos. Passar abruptamente de que se está começando outro sermão.

A transição bem preparada e organizada no plano do sermão dará ao ouvinte o prazer de acompanhar com interesse o progresso do sermão. Transição inadequadas provocam o desinteresse dos ouvintes.

**4. Pertinência.** O assunto exposto no começo do sermão deve ser o mesmo até o fim. A unidade está na pertinência dos pontos principais entre si e com o tema do sermão.

## B. A ORDEM DAS DIVISÕES

O progresso do sermão depende, em parte, da ordem das divisões. Cada sermão deve ter uma ordem própria nesse sentido, a fim de que cada pensamento apresentado siga um movimento lógico e natural. Um esboço mal preparado, sem uma ordem própria, oferece dificuldade de chegar-se ao fim do sermão. O sermão deve ter ordem numérica em relação ao número de pontos e também quanto ao assunto discorrido. Numericamente, cada divisão seguirá outra divisão. A ordem das divisões é feita de acordo com o tipo de sermão a ser desenvolvido. Já estudamos três tipos mais comuns de sermões: tópicos, textuais e expositivos.

No sermão tópico, a divisão é derivada do tema: no textual, deriva do texto, e no expositivo, é de acordo com a ordem do texto bíblico.

**1. A ordem das divisões no sermão tópico.** Quatro perguntas básicas servem para começar um sermão temático *Que?*, *Por que?*, *Como?*, e *Que, então?*

Analisemos essas perguntas, que podem ser usadas nos três tipos de sermões:

**a. Primeira divisão: *Que?*** Nesta divisão o pregador declara ou esclarece o tema. A questão *Que?* pode ser respondida de quatro modos:

- 1) *definindo* o assunto e os termos contidos nele;
- 2) *explicando*, pois um texto de difícil interpretação deve ter a sua explicação literal ou simbólica, para facilitar o progresso do sermão;
- 3) *comparando*, uma vez que o uso de comparações, e de suas relações e contraste, pode elucidar a pergunta *Que?* – Jesus usou muito em suas pregações o método de comparações, com o fim de revelar verdadeiras que, diretamente, seriam difíceis de ser compreendidas. As comparações devem ser explicadas com imaginação, clareza e objetividade: devem ser entre duas coisas opostas, como trigo e joio; ovelha e bodes; luz e trevas; vida e morte, etc.

**4) *ilustrando*.** Jesus foi exemplo por excelência no uso de ilustrações. Ele as usou muitas vezes para aclarar um ponto-chave de sua pregação ou, para responder à questão *Quê?* – Não se deve abusar desse método, mas o seu uso correto dentro de um sermão contribuirá para maior elucidação do ponto que se está apresentando.

**b. Segunda divisão: *Por que?***

Se na primeira divisão *Que?* o pregador apresenta a origem, a natureza do tema, já na segunda ele mostra o *porquê* do assunto, a razão, o fato, a prova.

Não é suficiente mostrar ao auditório a origem do assunto; deve-se também provar a sua necessidade. Neste ponto, o pregador obriga-se a argumentar. *Causa e efeito* soa demonstrados nessa questão.



Exemplifiquemos: se o pregador, falar sobre a ressurreição de Cristo, logo na primeira divisão, *Que?* ele definirá e dirá o que foi a ressurreição de Cristo. Mas, se falar de Cristo, do seu poder, da sua obra, não convencerá de todo o ouvinte. É preciso provar o fato, isto é, mostrar a evidência da ressurreição. E onde está o argumento que prova a ressurreição de Cristo? É claro: está no túmulo vazio.

Argumentar com um fato natural é bem mais fácil que com um fato sobrenatural. Este exige uma argumentação mais forte e bem pesquisada. Por exemplo: a ressurreição de Cristo foi um fato sobrenatural e, se o testemunho dos discípulos não for suficiente para prová-lo, temos o testemunho dos próprios inimigos de Jesus.

Na divisão *por que?* o pregador poderá valer-se, para sua argumentação, de vários processos, os quais ajudarão na sua elaboração dos pontos e subpontos.

Eis alguns:

1) *Argumentação de indução.* Neste argumento o pregador pode tirar de um caso particular uma conclusão geral. Uma história como a de Zaqueu nos dá uma idéia de como podemos tirar uma lição geral de um caso particular. Zaqueu desejava ver Jesus e para vê-lo teve de vencer alguns obstáculos que se tornavam difícil sua aproximação. Deste caso particular, o pregador pode tirar uma idéia geral sobre dois pontos principais:

- a) os obstáculos para chegar a Jesus;
- b) o triunfo sobre as dificuldades.

2) *Argumento por dedução.* Neste argumento o pregador pode tirar de um ensino geral, uma aplicação particular. Como exemplo, podemos usar o texto de 1Ts 5.22; “*Apartai-vos de todo mal*”. Do ensino geral que engloba este texto podemos deduzir um ensino particular: o *mal* pode ser aplicado a diversos tipos de mal e, na vida cristã há muitos males. Podemos, então, falar sobre um tipo especificamente: *má conduta* ou o perigo das *amizades incrédulas* etc.

Qual seria o ensino particular que encontraríamos em Mateus 28.18,19 que fala sobre “*A Grande Comissão*”? O ensino geral é *A Grande Comissão*, mas o ensino particular, deduzido do geral, é *a obediência* ou *o poder dos comissionados* etc.

3) *Argumento por analogia.* Neste argumento o pregador, para fortalecer a questão *por que?* usa apresentar os fatos através da relação de semelhanças entre duas coisas, ou seres diferentes. Um exemplo bem conhecido de analogia usado muitas vezes pelos pregadores está na história da primeira páscoa do Egito. A analogia que podemos encontrar nesta história está no “*sangue do cordeiro*” aspergido nos umbrais das portas dos israelitas, conforme Êxodo 12.1-13. Ai a analogia está no *sangue de Jesus*, que se tornou “*o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*”. Encontramos outra analogia entre a porta das casas deles e os nossos corações.

c) *Terceira divisão: Como?*

Nesta divisão o pregador deve conduzir se auditório a entender *como* pode acontecer ou acontece, e *sob qual* condição pode ser recebido ou cumprido o fato. Vamos ilustrá-la: Um vendedor ambulante tem nas mãos um produto novo e diferente. Ele o apresenta ao público, dizendo o que é o produto. Argumenta do seu valor e da necessidade que temos dele e mostra o *porquê* da necessidade de se comprar tal produto. Depois de convencer o público do valor e da necessidade do produto, ele diz *como* conseguiu-lo, para, finalmente (como veremos na 4ª divisão), convencer-nos a desembolsar o dinheiro para comprá-lo. O vendedor, com isso, está respondendo à questão “*que, então?*”

d) *Quarta divisão: Que, então?* Nesta divisão encontramos o ponto culminante. É a aplicação da mensagem ao propósito do sermão. É a parte principal. De nada valeria apresentar as três primeiras divisões, e não saber aplicá-las aos ouvintes. Existem muitas falhas neste sentido, quando certos pregadores deixam seus ouvintes com vontade de comer o fruto oferecido, sem dar-lhes a oportunidade de saboreá-lo.



Às vezes esta divisão confunde-se com a *peroração do sermão*. A *persuação* cabe muito bem neste ponto. É um trabalho de arte do pregador. É um trabalho de espírito, de devoção.

A divisão *que então?* Tem a finalidade de impelir o ouvinte a tomar uma atitude motivada pelo Espírito Santo, no desenvolvimento do sermão. Nesta divisão o pregador deverá saber usar corretamente e com o equilíbrio o caminho da razão e o da emoção.

### C. CONSTRUÇÃO DOS PONTOS PRINCIPAIS NO SERMÃO TÓPICO.

Os pontos principais são colocados em ascendência, isto é, sempre crescendo. Poderíamos chamar esses pontos principais de degraus de uma escada, em que o pregador vai subindo, degrau por degrau. A construção dos pontos principais deve começar obedecendo ao seguinte critério:

**Primeiro.** O pregador decide com que idéia deve findar.

**Seguinte.** O pregador decide com que idéia deve findar.

**Terceiro.** O pregador deve estudar os pontos intermediários, isto é, os que ficam entre o primeiro e o último. Cada ponto deve corresponder ao outro, ou seja, ter uma estreita relação com o tema e o propósito do sermão. Ainda que sejam distintos os pontos um do outro, devem relacionar-se entre si e com o tema e o propósito do sermão.

**Dois exemplos:**

**Exemplo errado:**

Tema: *O poder do Evangelho*

Texto: Rm 1.16.

1º Ponto principal: O Evangelho liberta.

2º Ponto principal: A cura do cego Bartimeu.

3º Ponto principal: O batismo no Espírito Santo.

Que relação podemos encontrar na divisão acima? Nenhuma. Não há correspondência entre um ponto e o outro, nem com o tema proposto.

**Exemplo correto:**

Tema: *O Poder do Evangelho*

Texto: Rm 1.16.

1º Ponto principal. O Evangelho liberta.

2º Ponto principal. O Evangelho transforma.

3º Ponto principal. O Evangelho cura.

Neste segundo exemplo as divisões se relacionam entre si e com o tema proposto. A uniformidade deve existir entre o primeiro e o último ponto. Todos os pontos devem ter igual importância.

### D. A ORDEM DAS DIVISÕES NO SERMÃO TEXTUAL.

Os pontos principais de um sermão textual e o seu tema são tirados do texto escolhido para o sermão e limitam-se às frases do texto.

O pregador deverá descobrir qual é a idéia central do texto escolhido e, então, tirar o tema e os pontos principais do sermão. Os pontos principais são determinados pelos pensamentos existentes no próprio texto, os quais devem ser ordenados conforme os três tipos da divisão textual – natural, analítico e o sintético.

### E. A ORDEM DAS DIVISÕES NO SERMÃO EXPOSITIVO.

As divisões no sermão expositivo são determinadas pelo texto bíblico escolhido. Os pontos principais podem ser os principais pensamentos existentes no texto, os quais



conduzem ao tema ou a uma parte dele. A preocupação básica num sermão expositivo é a exegese bíblica. As divisões são teóricas, porque visam a ensinar, e a expor a verdade.

Estas divisões devem seguir uma ordem numérica e doutrinária. Devem ter uma linha de pensamentos a ser seguida.

## **F. A ORDEM NUMERICA DAS DIVISÕES.**

A ordem é iniciada por três formas distintas, que não somente organizam o plano, mas embelezam a estrutura do sermão:

1. Os pontos principais são indicados por algarismos romanos: **I, II, III, IV, V, IV etc.**
2. Os subpontos são indicados pelos algarismos arábicos: **1, 2, 3, 4, 5, 6 etc.**
3. Os pontos (divisões) dos subpontos são indicados por letras minúsculas, como: **a, b, c, d, e, f, etc.**

A ordem, ou seja, a organização do esboço processa-se da seguinte maneira:

Tema (deve ser central)

**Texto** (colocado mais à direita)

### **Introdução**

#### **I. Primeiro ponto principal**

1. Subponto
  - a. subponto do subponto 1
2. Subponto
3. Subponto

#### **II. Segundo ponto principal**

1. Subponto
2. Subponto
  - a. ponto do subponto 2
3. Subponto

#### **III. Terceiro ponto principal**

1. Subponto
2. Subponto

**Conclusão** – A conclusão deve ser breve, clara e aplicativa.

## **G. O NÚMERO DE DIVISÕES**

Não se pode estabelecer uma regra para a quantidade de divisões. Normalmente, o número é determinado pela natureza do tema ou do conteúdo do texto. Não podem ser muitas nem menos de duas divisões. Basicamente, o pregador não deve ultrapassar de quatro, mas tudo depende do desenvolvimento de cada divisão.

O pregador deve ter em mente três lembretes essenciais:

1. O propósito do sermão deve alcançar o objetivo.
2. A exposição dos argumentos do sermão não deve ser extensa, isto é, não deve ser prolixa.
3. O pregador não deve cansar o auditório, mas mantê-lo interessado e atento durante todo o sermão.

O número excessivo de pontos e subpontos distrai o auditório. Num sermão com muitos detalhes, se o pregador for inexperiente, é como comida sem sal.

## **H. AS DIVISÕES DO SERMÃO**

Subdivisões são os detalhes que explicam os pontos principais.



A idéia geral do sermão encontra-se nos pontos principais; mas a complementação, o enriquecimento desses pontos principais, está nas subdivisões.

As subdivisões, também chamadas pontos auxiliares dos pontos principais, ou seja, subpontos, auxiliam os pontos principais e dão-lhes forma.

Antes da subdivisão de um sermão vem a divisão dos pontos principais. Estes devem ser determinados antes de iniciar-se as subdivisões.

Os subpontos correspondem aos pontos principais.

Como num corpo humano, têm sua estrutura no esqueleto; assim, os pontos principais formam a estrutura, e os subpontos são a carne, os músculos que cobrem o esqueleto, que é o esboço.

Exemplo: A fé.

Hb 11.1

### **Introdução:**

1. Que é Fé? (ponto principal):
  - a. fé é a certeza das coisas que se esperam;
  - b. fé é a prova das coisas que se não vêem.
2. A razão da fé (ponto principal)
  - a. subponto que explica o ponto principal;
  - b. subponto.

Acima vemos um esboço incompleto para elucidar o relacionamento entre pontos e subpontos.



# (10)

## FORMAÇÃO DE TEMAS HOMILÉTICOS

Segundo Lenski e Crane, a formação de temas exige três qualidades essenciais: a unidade, a organização, e o movimento progressivo do sermão. A organização e o movimento progressivo foram trabalhados em capítulos anteriores. Estudaremos, agora, os aspectos que dão unidade aos temas homiléticos.

A lição primária para a formulação de um tema é que ele não seja múltiplo ou muito generalizado. Os temas múltiplos pecam contra a unidade do sermão, porque desviam a mente do ouvinte e o confundem. Imaginemos um pregador que tem 40 minutos para apresentar um sermão com três ou quatro temas distintos no esboço. Como concluiria o sermão? O problema de um tema múltiplo está no fato de que cada divisão teria sua característica própria, e resultaria, no final do sermão ou mesmo durante ele, na dispersão da unidade homilética indispensável.

Exemplo: Caminhos da salvação:

- a) a fé;
- b) justificação;
- c) santificação;
- d) batismo nas águas.

Nos temas generalizados o pregador tende a perder-se, a não ser que ele dê um rumo ao tema escolhido, isto é, uma linha de pensamento em torno do tema geral. Alguns tipos de temas generalizados possuem vários rumos para serem seguidos. Por exemplo: A justificação, o arrependimento, a salvação, etc. O ideal para estes temas gerais é dar-lhes ou indicar-lhes um caminho a seguir.

Exemplos: *Bênçãos do Arrependimento*, ao invés de apresentar apenas: *o arrependimento*. Outro exemplo: Passos para a justificação, Rm 5.1.

O que mantém a unidade do sermão é o rumo dado a ele. O tema deve indicar um rumo fixo a ser alcançado, e evitar divagações por caminhos laterais.

Cinco maneiras distintas de formar temas homiléticos.

### A. O TEMA EFÁTICO.

É o que contém uma palavra ou uma frase enfática; é o que indica a direção que o sermão irá tomar; que lhe assinala uma direção fixa. Todos os pontos e subpontos giram em torno do tema enfático. O desenvolvimento do sermão gira em torno da palavra chave ou a frase enfática.

1. Exemplo: *Efeitos do sangue de Cristo*, 1Pe 1.18-19.

- a. primeiro efeito – Expição.
- b. segundo efeito – Redenção.
- c. terceiro efeito – Purificação.
- d. quarto efeito – Comunhão.

2. Exemplo: *Gemidos Inexprimíveis*, Rm 8.22-26.

- a. a criação geme.
- b. a Igreja geme.
- c. O Espírito geme.





## B. O TEMA INTERROGATIVO

Esse tipo aparece numa pergunta. O desenvolvimento em todo o sermão é feito na base da contestação à pergunta feita. O rumo da mensagem é a contestação, a resposta ao tema interrogativo. As perguntas: Que? Qual? Quem? Por que? Como? Que então? Aparecem nos temas interrogativos, e indicam todo o movimento do sermão.

1. Exemplo: *“Que farei para me salvar?”*. At 16.31.
  - a. creia no Senhor Jesus.
  - b. arrependa-se dos seus pecados;
  - c. viva uma nova vida.
2. Exemplo: *Que é o Evangelho?*, Rm 1.16.
  - a. é a manifestação do poder de Deus aos homens;
  - b. é o poder salvador da alma;
  - c. é o poder curador das enfermidades.
3. Exemplo: *Quem é Jesus?* Mt 16.13-16.
  - a. é o Filho de Deus;
  - b. é o Verbo divino encarnado;
  - c. é o Salvador do mundo.

## C. O TEMA DECLARATIVO

É o que se constitui de uma simples declaração. Este tipo de tema é dividido de modo que seja apresentado o significado da declaração e a comprovação dela.

1. Exemplos:  
Declaração: *“Lembra-vos da mulher de Ló!”* Lc 17.32.
  - a. conformada com o mundo;
  - b. que olhou para trás;
  - c. que perdeu sua salvação.
2. Exemplo:  
*“O Evangelho é poder de Deus para salvação”*, Rm 1.16.
  - a. a natureza do Evangelho;
  - b. a prova do poder do Evangelho;
  - c. os efeitos do poder do Evangelho.
3. Exemplo:  
*“Falta-te uma coisa”*, Mt 10.17-24.
  - a. desprendimento;
  - b. renuncia;
  - c. dedicação.

## D. O TEMA IMPERATIVO

A Bíblia está cheia de ordens e mandamentos. A divisão deve ser feita conforme a indicação do tema.

1. Exemplo:  
*“Sede santos!”* 1Pe 1.16.
  - a. que significa ser santo;
  - b. porque devemos ser santos;
  - c. a maneira como podemos ser santos;
  - d. as bênçãos de sermos santos.



**2. Exemplo:**

*“Regozijai-vos”*, Fp 4.4.

- a. pela salvação recebida;
- b. pela paz conquistada;
- c. pela esperança alcançada.

**3. Exemplo: Crescimento Espiritual**

*“Crescei na graça e no conhecimento”*, 2Pe 3.18.

- a. que significa crescimento espiritual;
- b. o motivo por que devemos crescer espiritualmente;
- c. o modo como podemos crescer espiritualmente.

## **E. O TEMA HISTÓRICO OU BIOGRÁFICO**

O tema histórico exige do pregador a habilidade de dividir o fato histórico, pondo em destaque os aspectos mais vibrantes, isto é, os que se identifiquem com as necessidades espirituais dos seus ouvintes. O passado que se apresenta deve ser atualizado, deve ser trazido para o presente.

O sermão biográfico é aquele que tira, os fatos relacionados com algum personagem, uma lição presente. No livro de Gêneses, por exemplo, encontramos quadros da natureza humana que, colocados em destaque, podem fascinar o ouvinte. O pregador deverá saber desenvolver um tema histórico, preocupando-se, primordialmente, com os pontos vitais da história.

**1. Exemplo: A fidelidade de José.**

- a. a sua fidelidade para com Deus;
- b. a sua fidelidade a Deus na vida social;
- c. a sua fidelidade a Deus nos assuntos materiais.



# (11)

## ELEMENTOS AUXILIARES DO SERMÃO

Em capítulos anteriores, estudamos os elementos formais do sermão. Neste capítulo trataremos dos que ajudam a compor o esboço: são os *elementos funcionais do sermão*. A finalidade primordial deles é reforçar os argumentos nas divisões, e vitalizar os pontos principais, através do material indispensável à composição do sermão.

A. estes elementos auxiliares chamamos:

- a. Elementos de apelação.
- b. Elementos de ilustração.

### A. ELEMENTOS DE APELAÇÃO

Crane apresenta três tipos de apelação dentro do sermão:

1. Os que apelam ao entendimento.
2. Os que apelam à razão.
3. Os que apelam às necessidades dos ouvintes.

Elementos de apelação são os argumentos que procuram reforçar a persuasão dos ouvintes. Por eles as verdades divinas são esclarecidas. Jesus foi Mestre neste tipo de apelação, conforme vemos em Lc 10.27; Mt 13.19,23; 15.10.

Filipe usou deste mesmo tipo quando explicou o profeta Isaías ao eunuco, em At 8.30. E Paulo foi outro grande mestre nisso: 1Co 14.8,9,12,15,19.

#### 1. Elementos que apelam ao entendimento.

Num sermão, apelar ao entendimento dos ouvintes implica em despertar a atenção e o interesse deles para uma verdade divina que lhes é obscura. A verdade deve ser explicada com argumentos claros, concisos e precisos. O objetivo da apelação ao entendimento é persuadir.

James D. Crane apresenta três elementos necessários para apelar ao entendimento:

- a. aclarar o sentido dos textos e dos temas;
- b. explicar a pertinência dos textos e dos temas;
- c. explicar como cumprir os ensinamentos apresentados.

Auxiliam o uso desses elementos apelantes: a definição, a narração, a descrição, a exemplificação e a comparação.<sup>(21)</sup>

**Primeiro:** apelar ao entendimento, *definindo*. Definir pontos ou palavras para um auditório exige do pregador muito cuidado. Ele não pode esquecer de que fala sempre a um auditório heterogêneo. Ao definir uma verdade ou uma palavra, não deve ser nem muito acadêmico nem muito vulgar, mas usar uma linguagem clara e objetiva. Num sermão, o pregador envia todos os esforços com a finalidade precípua de conseguir que seus ouvintes entendam a verdade apresentada e a ponham em prática.

Definição é a resposta à pergunta *Que é?* Definir é explicar uma verdade. Uma *definição precisa* requer, num sermão, alguns cuidados indispensáveis que a experiência homilética aprimora:

- a. a definição deve conter elementos supérfluos;
- b. a definição não deve conter elementos supérfluos;
- c. na definição não podem existir suposições;



d. da definição devem-se evitar repetições inúteis e viciosas.

**Segundo:** apelar ao entendimento, *narrando*. Narrar é a arte que todo o pregador deve cultivar. A narração foi um dos principais meios pedagógicos do homem primitivo. Jesus usou esse método na apresentação de suas parábolas como um meio eficaz de falar com que seus ouvintes entendessem certas verdades que apresentou.

Às vezes, um auditório não compreende claramente uma argumentação, então, a narração bem feita de um episódio qualquer poderá elucidá-la.

Narrar um fato implica em fazer o auditório participar imaginariamente da narrativa, como se nela tomasse parte. Quando a narração é bem feita, o ouvinte vive o que nela apresenta. *“Ele não se imagina um imitador da personagem central da narração, mas assume uma atitude real. Ele se coloca no lugar do herói; sofre com os seus sofrimentos; alegra-se com as suas alegrias. Em suma, participa dos eventos da narração como se fosse o próprio herói.”*<sup>(22)</sup>

Uma boa narração auxilia grandemente na apelação ao entendimento dos ouvintes.

**Terceiro:** apelar ao entendimento, *descrevendo*.

*Descrever e narrar* têm significações distintas. As duas palavras se parecem, mas diferem na apresentação dos fatos. Enquanto *narrar* implica em distinguir e ordenar um fato, *descrever* envolve a observação de detalhes desse fato. Lukacs, diz que *“a narração distingue e ordena, enquanto a descrição nivela todas as coisas.”*<sup>(23)</sup> Todo pregador deve cultivar a capacidade de observar e captar em sua memória as observações feitas. Esse cultivo muito contribuirá para a eficiência da sua pregação.

Há três requisitos para uma boa descrição:

- a. olhar bem;
- b. reter bem;
- c. reconstruir bem.

**Quarto:** apelar ao entendimento, *exemplificando*. Exemplificar um argumento meio abstrato é a melhor maneira de fazer o auditório entender o que se quer dizer. É trabalho de arte explicar coisas abstratas com exemplos concretos, usando fatos da vida real. No entanto, o pregador deve ter o cuidado de não querer exemplificar cada ponto de sua pregação, para não a tornar monótona. Um sermão que a cada ponto precisa de um exemplo elucidativo dá a impressão de ser uma mensagem totalmente abstrata, sem pensamentos concretos.

Exemplos da vida cotidiana podem ser usados, tais como: pessoas, coisas, atitudes, etc. Jesus usava ensinamentos e exemplos concretos para explicar verdades abstratas ou difíceis de entender, Mc 12.37.

**Quinto:** apelar ao entendimento *comparando*. Nisso podemos apresentar Jesus como o maior Mestre. Ele muitas vezes o método de comparação, com o objetivo de persuadir seus ouvintes. A comparação procura mostrar o contraste entre coisas e fatos. Usa da analogia também. Nas parábolas, encontramos a importância das comparações. Jesus usava comparações de coisas e fatos conhecidos no seu tempo, facilitando, assim, a compreensão, o entendimento da verdade ensinada. É preciso entender que nenhuma das cinco maneiras acima ensinadas pode ser usada de modo a cansar os ouvintes.

**2. Elementos que apelam à razão.** Apelar a razão, ao entendimento, é um dos métodos mais eficazes, porque visa a provar uma verdade apresentada. São argumentos que buscam nas *evidências bíblicas* as respostas certas.

Os pregadores da igreja primitiva nos dois primeiros séculos, baseavam suas homilias nas evidências bíblicas. A mensagem principal do cristianismo era a ressurreição de Cristo. Seus argumentos procuravam provar o fato da ressurreição. Paulo afirmava que havia sido feito apóstolo *“para defesa do Evangelho”*, Fp 1.17. A



Tito, Paulo aconselhou “*convencer os contradizentes*”, Tt 1.9. A Timóteo, enviou-o a Tessalônica para “*confirmar os crentes quanto à fé*”, 1Ts 3.6.

Podemos chamar os elementos que apelam à razão de “*material de argumentação*”.

O pregador eficaz procura aprimorar seus conhecimentos bíblicos, para poder refutar os erros doutrinários que surgem dentro da igreja e fora dela. A apelação à razão tem o objetivo de convencer. Persuadir o ouvinte através da argumentação. O estudo sistemático das doutrinas fundamentais da Bíblia (as falsas e as verdades), deve ser cultivado pelo ministro da Palavra de Deus.

Apelar à razão não significa querer racionalizar as verdades divinas. Uma mente natural busca a razão dentro das limitações naturais, 1Co 2.10-16. Devemos conduzir uma pessoa com mente natural ao campo espiritual, mostrando-lhe a verdade espiritualmente. O pregador deve ter cuidado no campo do arrazoamento, do contrário, corre o perigo de secularizar as verdades divinas.

Ao apresentar uma tese, nem sempre o pregador conseguirá convencer o auditório imediatamente. Então precisará de apoiar sua tese com uma *persuasão racional*. O melhor e mais concreto apoio a uma tese deve ser a Palavra de Deus. O pregador deve seguir uma *linha* no arrazoamento.

Alguns requisitos que devem reger o pregador no uso do material que apela à razão:

- a. provar, com argumentos, algo de que ele próprio já esteja persuadido;
- b. nunca querer provar algo de cujo êxito não esteja seguro;
- c. evitar demasiada lógica numa argumentação, para não cansar o auditório;
- d. quando uma argumentação apresenta-se longa, o pregador deve intercalá-la com uma boa ilustração;
- e. começar sempre com argumentos fáceis de serem entendidos pelo auditório;
- f. ao preparar sua argumentação, deve escolher os argumentos mais eficazes, para não cansar os ouvintes.

**3. Elementos que apelam ao sentimento de necessidade.** “*A aceitação de uma verdade não pretende só de ser compreendida ou de ser recomendada à razão com bons argumentos. É mister demonstrar que ela preencha a necessidade que o ouvinte tem, e que sabe que tem.*”<sup>(24)</sup>

A pregação não pode ser uma mera demonstração de conhecimentos bíblicos e seculares. A pregação usa todos os meios possíveis de apelar à razão, às emoções, para alcançar um só objetivo – suprir as necessidades espirituais e morais dos ouvintes.

Argumentar o poder do Evangelho de um modo que não preencha as necessidades da alma humana, é como oferecer palha e não *trigo*. Qualquer pregador que prepara uma mensagem sem virar às necessidades espirituais dos seus ouvintes, anula a graça de Deus e a possibilidade de eles a alcançarem. Crane ainda apresenta dois outros tipos de apelação: <sup>(25)</sup>

- a. os elementos apelam ao sentido do dever, ou seja, à consciência moral.
- b. os elementos que apelam aos sentimentos.

## B. ELEMENTOS DE ILUSTRAÇÃO

A ilustração tem por finalidade fazer com que o auditório veja com os *olhos da mente*. Ela usa a imaginação dos ouvintes.

As ilustrações são as janelas da pregação, por onde se projeta a luz sobre os pensamentos apresentados. Uma ilustração tem o propósito de explicar ou aclarar uma verdade divina na mente dos ouvintes. Normalmente, a ilustração é uma comparação de algo conhecido e visível a todos.

Os psicólogos informam que adquirimos nossos conhecimentos através dos cinco sentidos naturais, nas seguintes proporções:



- a. por meio da visão – 85%;
- b. por meio do ouvido – 10%;
- c. por meio do tato – 2%;
- d. por meio do olfato – 1,5%;
- e. por meio do sabor – 1,5%.

Basicamente, o propósito das ilustrações tem quatro significações:

a. *elucidar*, isto é, lançar luz sobre o assunto: a ilustração no sermão é como janela na casa; abre e dá entrada à luz e ao ar;

b. *explicar*, expor uma verdade divina através de uma comparação;

c. *provar*, o uso da analogia aqui é o ponto forte;

d. *ornamentar*, a ornamentação visa enriquecer e dar a cor a uma verdade através da

ilustração. É o mesmo que enfeitar para chamar a atenção dos ouvintes; deve-se ter o cuidado, porém, de não enfeitar demasiadamente com detalhes desnecessários, nem com inverdades; é necessário saber dar o colorido certo, no momento certo e no lugar certo.

As fontes de ilustração podem ser várias:

- a. comparações;
- b. experiências próprias;
- c. jornais e revistas;
- d. livros de ilustração;
- e. sermões escritos.

Para que haja sucesso na apresentação das ilustrações dentro de um sermão, o pregador deverá observar alguns requisitos essenciais:

a. a ilustração deve ter íntima relação com a necessidade dos ouvintes;

b. a ilustração deve esclarecer o entendimento dos ouvintes para anular quaisquer dúvidas acerca da verdade divina apresentada;

c. a ilustração deve ser clara e simples;

d. a ilustração deve ser interessante, isto é, deve conter imaginação;

e. a ilustração deve ter procedência.

As fontes de ilustração são inumeráveis. Se o pregador cultivar uma mente observativa, descobrirá ilustrações e comparações ao seu próprio redor. A natureza está cheia delas. Os fatos diários na própria comunidade e os acontecimentos e tragédias mundiais são pontos de ilustrações. A Bíblia está repleta de histórias que podem ilustrar as grandes verdades divinas.

O pregador deve, porém, evitar muitas ilustrações dentro de um só sermão.



# (12)

## CLASSIFICAÇÃO DE SERMÕES

Não se pode impor um princípio absoluto na classificação de sermões: “*Cada sermão imprime o seu caráter próprio e a sua fisionomia particular.*”<sup>(26)</sup>

Vamos destacar alguns tipos mais comuns de sermões usados em nossos dias:

- A. EVANGELÍSTICO**
- B. DOUTRINÁRIO**
- C. EXPOSITIVO**
- D. EXORTATIVO**
- E. OCASIONAL**

Qualquer que seja o sermão, o propósito é um só – alcançar duas classes de ouvintes: os crentes e os não-crentes. Em suma, o objetivo primordial da pregação é procurar satisfazer as necessidades espirituais dos ouvintes.

### **A. SERMÕES EVANGELISTICOS**

Sua finalidade principal é conquistar os perdidos para Cristo. Seu propósito é o de persuadir os perdidos a receberem Jesus como o suficiente Salvador. Seus temas, textos e objetivos devem ser positivos. A pregação evangelística é a anunciação das boas novas do poder Salvador de Cristo. Os sermões evangelísticos procuram convencer antes o coração que a mente. São mais emotivos, ainda que contenham verdades reais.

### **B. SERMÕES DOUTRINÁRIOS**

“*O seu objetivo é o de instruir os crentes, fazendo-lhes ver o significado das grandes verdades da fé cristã e indicando como estas têm aplicação prática à vida diária.*”<sup>(27)</sup> Sua característica principal é *ensinar*, uma característica bem neotestamentária. Seu propósito é o didático, isto é, o ensino feito em forma sistemática para uma assimilação mais racional por parte dos ouvintes.

### **C. SERMÕES EXPOSITIVOS**

São aqueles que contém a exegese bíblica de um versículo, de parte de um capítulo, de um capítulo inteiro ou até de um livro da Bíblia.

Crisóstomo, o grande pregador do terceiro século, dizia que no sermão expositivo “*Deus fala muito e o homem pouco*”. Sente-se a falta desse tipo de sermão hoje, porque ele exige mais profundidade no estudo e na apresentação. Exige certa experiência do pregador; além de mais conhecimento para a sua elaboração.

### **D. SERMÕES EXORTATIVOS**

São os sermões de despertar espiritual. Têm o propósito de chamar a atenção para verdades colocadas de lado na vida espiritual. Destinam-se a mover os corações duros, com ilustrações reais e com verdades bíblicas. Há uma falta desse tipo de sermão na atualidade, visto que muitos pregadores perderam a visão da necessidade espiritual do povo, por medo de se comprometerem.

O pregador, acima de tudo, deve ter seu compromisso com Deus. Sua mensagem não pode prender-se a respeitos humanos nem a preconceitos sociais.





## **E. SERMÕES OCASIONAIS**

São os sermões para serem apresentados em ocasiões especiais. Todo o pregador deve ter em arquivo mensagens para essas datas especiais, como seja, casamento, cerimônias fúnebres, aniversários de pessoas, de templos; datas cívicas e muitas outras solenidades.

O pregador nunca deve ser tomado de surpresa. Mesmo que não esteja num programa como orador, ele deve estar preparado para a eventualidade de ser convidado a falar. O povo julga que o pregador sempre está preparado.

# (13) ESTILO DE SERMÕES

O estilo é a maneira de o pregador expressar no sermão o seu pensamento. Cada pregador tem características próprias e deve preservá-las, para que, no púlpito, sua autenticidade não seja apagada, Deus usa as pessoas tais como ela são. As características pessoais de expressão são respeitadas por Deus. Ele não usa robôs, mas homens com personalidade firme e marcante. Sua palavra é canalizada em nosso ser, e a expressão divina flui através da nossa personalidade.

Deus não quer que o individualismo anule sua Palavra, mas quer também que percamos a nossa individualidade. “*O estilo é o homem*”, disse certo escritor. A linguagem, a forma e a expressão podem ser desenvolvidas pelo pregador e o resultado será um *estilo adquirido*. A palavra estilo vem do latim “*stilus*”, que era uma haste pontiaguda, um estilete ou ponteiro de escrever. Os romanos usavam estiletos para escrever sobre tabuinhas cobertas de cera.

Por escreverem os romanos com “*stilus*” o sentido da palavra tomou um significado mais generalizado. Agora tem a ver com o modo de escrever e de falar, que é conhecido por estilo. A maneira de expressar-se um pregador demonstra seu estilo, isto é, sua forma de falar ou discursar.

É comum a pregadores iniciantes tomar o estilo de pregadores que admiram. É aceitável este fato, mas não recomendável. Com o tempo e com a experiência adquirida, esses iniciantes vão formando seus estilos próprios. É natural que, quando uma pessoa convive com alguém que exerce influência e liderança sobre ela passe a falar e a gesticular igual à pessoa com quem convive. Isso nem sempre significa imitação proposital.

Cada pregador deve desenvolver seu estilo próprio, permitindo que Deus o use com suas características.

O pregador organizado tem seu arquivo homilético, e tem seu próprio modo de preparar os sermões. Nos capítulos anteriores tratamos das formas técnicas e dos métodos de elaborar a preparação de um sermão. Neste capítulo estamos tratando das formas de expressão do pregador.

## A. FORMAS DE EXPRESSÃO

“*A forma de expressão constitui o meio de comunicação entre o pregador e seus ouvintes.*”<sup>(28)</sup> Depois que o pregador junta todo o material necessário para fazer o sermão, resta dar-lhe a forma. As técnicas homiléticas são adaptáveis ao estilo dado ao sermão. O pregador deve aplicá-los de acordo com o seu estilo. A ordem dos pensamentos e a maneira de Expressá-los dependem da forma que o pregador quiser dar-lhe.

O pregador deve disciplinar a sua mente na prática de observar, e tirar idéias de suas observações. Essas idéias devem ser bem tratadas. O pregador deve disciplinar seus hábitos diariamente para o estudo, e a leitura de obras que contribuam para o aprimoramento de sua linguagem e estilo. O estilo do pregador não deve nunca ofuscar a simplicidade e a seriedade do Evangelho, antes deve vestir-se de humildade, sem perder a sinceridade de transmitir as verdades divinas.



## B. QUALIDADES DO ESTILO

Autores diversos, como Broadus, Crane, Wood-worth, Burt e outros, destacam algumas qualidades de estilo para serem cultivadas pelos pregadores. Ei-las:

**1. Pureza.** É a qualidade que exige cuidado com a linguagem, com as formas gramaticais. As leis da gramática devem ser obedecidas, para que as expressões sejam corretas e exatas. O pregador deve disciplinar sua linguagem, a fim de que a sua pregação não seja maculada por expressões grotescas e gramaticalmente incorretas.

A pureza no estilo tem a ver, não só com a disciplina gramatical, mas também com a clareza das expressões. *“Para obter-se um estilo claro são necessárias várias coisas; deve haver clareza na mente do pregador. As discussões ambíguas e imprecisas geralmente indicam que quem fala ou escreve não compreende o que expõe. As idéias vagas não geram explicações claras. É necessário também que o pregador saiba definir suas idéias com precisão. Não há duas palavras que signifiquem absolutamente a mesma coisa.”*<sup>(29)</sup>

Os pensamentos, para serem entendidos, devem ser compatíveis com a lógica. O pregador deve ser claro nos pensamentos emitidos no sermão, mas sem ser prolixo. Portanto, deve haver pureza quanto à linguagem correta, a clareza quanto à enunciação dos pensamentos.

**2. Energia.** Energia de estilo é a forma dinâmica aplicada no sermão. É a qualidade que vitaliza o pensamento, arrancando-o do teorismo. É a força ou vigor dado ao pensamento. Energia tem a ver com a veemência. Essa veemência não significa gritar ou gesticular desordenadamente no púlpito, mas colocar toda a força de sua convicção na apresentação do sermão.

A energia, acima de tudo, deve ser espiritual. A mensagem falada com vigor espiritual é aquela que penetra na alma do pecador e o faz voltar-se para Deus. A palavra mais bíblica e menos retórica para o vocábulo energia, é a palavra UNÇÃO. Vinet assim define a unção: *“uma gravidade acompanhada de ternura; uma severidade temperada de doura; uma majestade unida à intimidade.”*

A unção não se adquire em escolas, nem a arte de falar; ela vem do alto: é a ação do Espírito. Burt diz que é *“a incubação na Palavra que sai dos lábios do mensageiro de Deus”*. A unção é como o óleo suave sobre a cabeça do pregador, dando-lhe fluidez e abundância.

O pregador recebe sua energia, seu vigor, sua força para o sermão pela unção de Deus. A unção fortalece os pensamentos apresentados e vitaliza o estilo do pregador na apresentação do sermão. A unção busca-se em oração e na meditação na Palavra de Deus. A unção não se encontra nos livros nem na experiência da oratória.

**3. Autoridade.** A autoridade na pregação vem da obediência à ordem de pregar o evangelho. A palavra de Deus deve ser falada com autoridade divina, para que a pregação não seja uma mera exibição de oratória e retórica. A autoridade na pregação tem a ver também com a firmeza do estilo do pregador, que é marcada por sua personalidade. Uma personalidade fraca gerará uma pregação fraca e sem autoridade.

Autoridade na pregação tem ainda relação com o domínio do pregador sobre o assunto que prega. O pregador tem esta autoridade porque fala em nome de Jesus, e não no seu próprio nome: *“O princípio de autoridade reside na nossa submissão, e a nossa autoridade sobre os outros é tanto maior quanto maior for a autoridade da Palavra divina sobre nós. Pesamos sobre os ouvintes com todo o peso com que a verdade pesa sobre nós. Aqui se vê a um tempo a vantagem aparente e a vantagem real da posição do pregador, em confronto com os outros oradores.”*<sup>(30)</sup> Paulo mostra a autoridade da pregação em Tt 2.15 e 2ªCo 5.20.



4. *Imaginação.* Broaduz diz que “a imaginação é a função imaginadora da mente. É pensar por visão, coisa que contrasta com o raciocínio.”<sup>(31)</sup> Um pregador pobre de imaginação é também pobre de pensamentos e ilustrações no seu sermão. A imaginação concentra-se no irreal, isto é, numa representação imaginativa da realidade.

O pregador que usa essa grande qualidade da mente para enriquecer seu estilo de pregação, deve ter o cuidado de não cair em certos erros, que são imperdoáveis num sermão. Imaginações fictícias ou extravagantes anula a seriedade da mensagem divina. Uma imaginação incoerente com a realidade produz impressões erradas. Ainda que a base da imaginação seja a linguagem figurada, esta não deve cair na fantasia, porque empobrece a espiritualidade da pregação. A imaginação ideal e coerente para a pregação é aquela que “*compara objeto com objeto; identifica o desconhecido com o desconhecido, e cria um novo todo.*”<sup>(32)</sup>

# (14)

## SERMÕES

### “CORPORIS”

De certa forma, o pregador é o sermão. O sermão é expressivo através do corpo do pregador: a expressão do rosto, a postura, a gesticulação. O pregador é uma via de comunicação e, para que a mensagem canalizada através dele tenha livre acesso aos ouvintes, é necessário que essa via não esteja obstruída. O pregador deve cultivar bons hábitos, para que possa corresponder ao ideal da pregação, que é comunicar a Palavra de Deus de forma persuasiva.

A este ponto podemos chamar de a *fala do corpo*.

#### A. A EXPRESSÃO DO ROSTO

A responsabilidade de um ministro da Palavra de Deus diante de um auditório é maior que muitas outras responsabilidades. A expressão do rosto deve refletir toda a beleza da alma do pregador, alcançada através da meditação na Palavra, e da oração que fez momentos antes de se colocar diante do auditório. A expressão do rosto envolve os *olhos*, que são as janelas pelas quais se pode conhecer o interior.

Os olhos possuem um poder muito grande no rosto e, quando o pregador ungidamente os usa ao entregar o sermão, podem contribuir para a expressar alegria ou tristeza. É importante que o pregador saiba usar os olhos e fixá-los no auditório. O pregador não deve fixar os olhos no teto, no chão nem fechá-los enquanto prega, como se tivesse medo de encarar o auditório. Os olhos devem acompanhar o que se fala. Os olhos podem falar mais alto e mais claro que as palavras.

Um outro motivo porque o pregador deve olhar para o auditório é para acompanhar o efeito que a mensagem está produzindo nos ouvintes. Olhar com os olhos santos é penetrar na alma dos ouvintes e depositar nela a Palavra de Deus. Não só o rosto e os olhos têm importância, mas a pessoa toda do pregador.

Certos hábitos faciais na forma de cacoetes devem ser corrigidos.

#### B. A POSTURA

O pregador não é máquina de falar, ou robô que opera por controle remoto. A homilética ensina como melhor usar o corpo, sem determinar uma regra para isso. A postura do pregador é de suma importância diante do auditório. Essa postura deve ser cultivada, a fim de que, elegante e educadamente tenha o pregador uma postura natural, livre de hábitos prejudiciais.

**1. O corpo** – Deve estar naturalmente ereto, e todos os movimentos devem ser conscientes.

**2. Os braços** – Pôr as mãos nos quadris, cruzá-los, pô-los para trás, ou enfiá-los nos bolsos, é deselegância. Os gestos das mãos e dos dedos devem ser naturais, disciplinados. Gestos impróprios usados no meio do povo, e outros que indicam gírias não devem ser usados pelo pregador.

**3. A roupa** – O pregador deve dignificar sua posição de ministro da Palavra de Deus, usando roupas descentes, sem extravagância, mas sempre limpas e bem passadas, roupas que demonstrem zelo, asseio e ordem. Os sacerdotes não podiam apresentar-se de qualquer maneira no Tabernáculo. Suas roupas deviam estar limpas e seus corpos



lavados. Uma gravata mal colocada e fora do lugar; os sapatos sujos, as unhas sujas, os cabelos despenteados, tudo isso depõe o pregador. A roupa deve ser modesta, mas não deselegante.

### C. A VOZ

Dos requisitos indispensáveis para o sucesso da pregação, a voz é a principal. sendo assim, deve o pregador cultivar o uso correto de sua voz, para uma perfeita comunicação com o auditório.

A voz é um instrumento delicado. Os pequenos músculos das cordas vocais se cansam quando forçados. A voz é o som ou o conjunto de sons produzidos pela vibração das cordas vocais sob a ação do ar que, vindo dos pulmões, sai pela boca e, em parte, pelas vias nasais.

**1. Algumas espécies de voz.** Três são as mais comuns:

- a. *A voz de cabeça* é aquela que emite sons agudíssimos.
- b. *A voz de peito* é a grave, com sons volumosos, cheios e profundos, com ressonância completa na caixa torácica.
- c. *A voz média ou mista* é a que está entre as duas outras, e é a mais natural. O pregador deve cultivar a voz, tornando-a boa.

**2. Quatro qualidade de uma boa voz:**

- a. *Uma boa voz tem força.* O pregador deve cultivar a voz de peito, que parte de dentro. Ela deve atingir todo o auditório sem precisar gritar. Alguns confundem força ou volume alto da voz com gritaria. Uma voz forte não cansa os ouvintes.
- b. *Uma boa voz deve ter pureza de tom.* É evitar a aspereza da voz, para que os pensamentos sejam emitidos com limpidez. Uma voz muito nasal ou gaga impede tons puros;
- c. *Uma boa voz deve ter clareza.* Ritmo e velocidade devem reger o uso da voz, para que a pronúncia das diferentes palavras sejam claras. O pregado deve cultivar a pronúncia correta das palavras. Deve evitar vícios de linguagem que cortam palavras ou distorcem sua pronúncia.
- d. *Uma boa voz deve ter naturalidade.* O pregador deve usar a voz de maneira que o auditório não estranhe sua maneira de falar. Às vezes, ao querer falar com imposição, o pregador perde a sua naturalidade que deve ter. “*Uma boa voz comunica, fielmente todos os matizes sutis de sentimentos que enchem a mente e o coração do que fala.*”<sup>(33)</sup>

**3. Defeitos da voz e suas correções.** Alguns defeitos físicos fazem as deformidades da voz. Porém, podem ser corrigidos. Desses defeitos, os mais conhecidos são:

- a. o emprego defeituoso do aparelho vocal;
- b. a má direção da corrente de sopro;
- c. o desarranjo anatômico dos órgãos da voz;
- d. os estados emocionais patológicos.

**4. Os poderes da voz:**

- a. compasso ou extensão de som;
- b. volume ou quantidade de som;
- c. penetração que descreve a distância onde pode ser ouvida;
- d. melodia ou doçura de tom.

**5. O mal emprego da voz:**

- a. *o resmungador:* aquele que fala com lábios fechados, dificultando a compreensão do que diz;
- b. *o gritador:* o oposto do resmungador. Não sabe dar volume à sua voz sem gritar;
- c. *o cantarolador:* o que prega cantando; sua voz sobe e desce compassadamente



como numa canção;

**d. o monótono:** o pregador que mantém uma só tonalidade na voz. É um tipo de voz que enfada o ouvinte e o faz ter sono. É o pregador sem convicção;

**e. o repetidor:** é aquele que repete uma dezena de vezes a mesma coisa a um só tempo;

**f. o pigarreador:** o que, normalmente, sofre de um tique psicológico; cada vez que tem de falar, procura limpar a garganta, como se nela houvesse algum pigarro.

**6. Qualidades de voz:** *“Como o timbre, a altura e o volume da voz variam de indivíduo para indivíduo devem as pessoas esforçar-se por conhecer a própria voz e os seus recursos, para tirar deles o máximo de aproveitamento”.*

Quatro qualidades a serem cultivadas pelos pregadores para melhor aproveitamento da voz.

**a. Correção:** emissão nítida das vogais, articulação clara das consoantes e das sílabas, e pronúncias de boa qualidade; o pregador deve ouvir a sua própria voz;

**b. Fluidez,** a que consiste em falar sem se cansar; baseia-se na boa respiração, na adaptação do volume da voz ao meio ambiente, e na ausência de explosões de gritos estridentes;

**c. Variedade,** que consiste na modulação da voz, regulando as suas entonações, para evitar a monotonia que, por sua vez, gera fadiga no auditório;

**d. Expressão,** que é o realce dado aos termos que expressam idéias dominantes. <sup>(34)</sup>





# (15) ESBOÇOS DE SERMÕES

## O AMIGO MAIS CHEADO QUE UM IRMÃO, Pv 18.24.

**INTRODUÇÃO:** A natureza humana é carente de comunhão com seu semelhante. A psicologia ensina que toda pessoa precisa de alguém em que possa confiar, a quem possa abrir o coração nos momentos difíceis. A experiência humana não têm conseguido êxito na busca desse alguém. Entretanto, a Bíblia supre a incapacidade da experiência humana, e apresenta um amigo incapaz de falhar de trair. É “*amigo mais chegado que em irmão*”. Esse amigo é Jesus.

### I. ELE É AMIGO DAS HORAS INCERTAS:

1. Quando temos de passar o vale da sombra da morte, Sl 23.4.
2. Quando parece que tudo vai desmoronar sobre nós.
3. Quando a solidão nos ameaça.

### II. ELE É O AMIGO IMUTÁVEL:

1. A amizade de Jesus nunca muda.
2. É própria de sua natureza divina a imutabilidade.
3. As amizades do mundo são inseguras e passageiras.
4. Ele é fiel, mesmo quando falhamos.
5. Ele é perdoador.

### III. ELE É O AMIGO INCOMPARÁVEL:

1. No seu amor para conosco:
  - a. Abraão, o amigo de Deus;
2. Jó reclama da zombaria de seus mais íntimos amigos, mas Deus não falhou para com Jó, Pv 16.20.
3. Jesus chamou os seus discípulos de *amigos*, Jo 15.14,15.

**CONCLUSÃO:** Que dúvida podemos ter de um amigo como Jesus? Nenhuma! Ele possui todos os atributos morais e espirituais que jamais encontraremos nos amigos do mundo.

## GERAÇÃO AGONIZANTE

Mt 6.31,34

**INTRODUÇÃO:** Vivemos o período mais agonizante por que o mundo já passou. Esta agonia é gerada pela ameaça de destruição que paira sobre nós. A perplexidade, a inversão de valores, a solidão, a violência generalizada, o medo das criaturas – tudo parece encerrar nossa geração atual dentro de um tubo de ensaio científico. A busca de resposta, a luta pela sobrevivência, tornam a nossa gente escrava da agonia e do desespero. Haverá alguma solução? alguma resposta? Sim, há. Cristo é a paz verdadeira de que os homens precisam. Só Ele pode solucionar o problema do mundo. Por isso queremos falar, inicialmente de três agentes agonizantes de nossa era.

### I. TRÊS AGENTES AGONIZANTES

1. ANSIEDADE, Mt 6.31,34: “Não andeis inquietos!”



Causas:

- a. a incerteza do amanhã, e a insegurança do mundo;
  - b. a busca do certo, ou do errado;
  - c. esta geração esta atormentada por espíritos malignos, que criam terror e desespero.
2. MEDO: “*Não tenhais medo!*”, porque:
- a. o medo acovarda, atrofia e cega;
  - b. Cristo diz: “*Não tenhais medo! tende bom animo!*”
3. DESESPERO
- Razões:
- a. o homem se vê encurralado pelos problemas, e isto o leva ao desespero;
  - b. o desespero tumultua a mente e o espírito da vítima e aponta para o suicídio.

## II. TRÊS REMÉDIOS EFICAZES PARA ESTA GERAÇÃO AGONIZANTE,

Jo 14.6:

- 1. O CAMINHO – Cristo.
  - a. há uma esperança: Cristo;
  - b. Jesus é a única esperança, o único caminho para a paz.
- 2. A VERDADE – Cristo.
  - a. a verdade que revela as desgraças das drogas, do vício, da sensualidade;
  - b. o antídoto da mentira, da ilusão, a verdade plena.
- 3. A VIDA – Cristo.
  - a. Satanás veio para destruir a vida, mas Cristo veio para restituí-la;
  - b. Nele está a fonte de vida eterna, Jo 11.25.

**CONCLUSÃO:** Cristo é a força salvadora para esta geração.

## PASSOS PARA ENCONTRAR-SE COM DEUS,

Tg 4.8.

**INTRODUÇÃO:** Alguns passos são necessários para chegar-se a Deus. Passos indispensáveis, sem os quais ninguém se chega a Ele. Jesus é o caminho (a via de acesso a Deus).

Eis os quatro passos:

### I. O PASSO DA APROXIMAÇÃO

- 1. É o estágio em que conheceremos:
  - a. a nossa insuficiência como pecadores, Rm 3.23;
  - b. que só Jesus é o meio de salvação.
- 2. O período de conscientização:
  - a. do grande amor de Deus por nós, Rm 5.8;
  - b. da importância do sacrifício de Jesus;
  - c. da incapacidade de nossos próprios méritos.

### II. O PASSO DE DECISÃO

- 1. O coração e a mente decidem-se por Cristo;
- 2. Este passo implica em:
  - a. efetuar a decisão;
  - b. reconhecer a verdade exposta, Jo 8.32,36;
  - c. confessar sua decisão publicamente.

### III. O PASSO DE RENDIÇÃO

- 1. Não há mais indecisão: não há mais dúvida;



2. A verdade foi aclarada, a decisão está tomada; resta tão-só a rendição total a Cristo, que significa:
  - a. ceder em favor de Deus;
  - b. submeter sua vontade ao comando de Deus;
  - c. dizer *sim* para Deus e, *não* para o Diabo.

#### IV. O PASSO DA APROPRIAÇÃO

1. Tomar posse das bênçãos prometidas por Deus;
2. Há mais de 35 mil promessas bíblicas à nossa disposição: basta que nos apropriemos delas.

**CONCLUSÃO:** Depois desses quatro passos, o encontro estará concretizado e o resultado será maravilhoso. Deus está interessado em encontrar-se com todos os homens, através de Jesus Cristo, seu Filho.

### O PODER DA EXPIAÇÃO

Is 53.10.

**INTRODUÇÃO:** Expição significa cobrir o pecado; isso não é condená-lo ou ocultá-lo de Deus, mas tem o sentido de *pagar* a dívida contraída, Sl 32.1; Rm 4.7. A expiação opera três efeitos distintos: *sobre o pecado, sobre o pecador, e sobre o mundo*. Esse tríplice efeito tem sua causa na obra perfeita de salvação realizada por Jesus Cristo na cruz do Calvário. Nenhum outro poder ou meio humano poderia livrar o homem de sua condenação eterna. Só a morte expiatória de Cristo no Calvário é capaz disso.

#### I. SEU EFEITO SOBRE O PECADO, Hb 9.22:

1. Remove o pecado através do sangue de Jesus.
2. Cancela o pecado justificando o pecador, Cl 2.14.

#### II. SEU EFEITO SOBRE O PECADOR

1. A expiação “veste” o pecador com o sangue do cordeiro, que é Jesus.
2. A expiação é a justiça de Deus para os que nele crêem, Rm 3.22.
3. Cristo efetuou a expiação do pecado, tornando-se pecado por nós, 2Co 5.21.

#### III. SEU EFEITO SOBRE O MUNDO

1. A expiação teve um duplo efeito, em relação ao pecador: individual e universal.
2. Um efeito para reconciliação do mundo com Deus, 2Co 5.19.
3. Um efeito vindo de Jesus, que é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, Jo 1.29.

**CONCLUSÃO:** A obra expiatória de Cristo no calvário foi completa, e se ela não fosse efetuada, o mundo e suas criaturas estariam sob o peso da condenação eterna. Hoje pregamos a Cristo crucificado, que morreu por nossos pecados, mas ressuscitou para nossa vida, 2Co 5.17.

### O AMOR MAIOR,

Jo 3.16.

**INTRODUÇÃO:** Na Terra, o amor de mãe destaca-se como o mais puro. Entretanto, o amor de Deus é maior que o amor de mãe, porque Deus amou o mundo com todas as suas criaturas, sem exceção. O texto de Jo 3.16 encerra o resumo de toda a Bíblia. Toda a expressão do sentimento divino manifesta-se nesse versículo. Nele está todo o plano de Deus através dos tempos. Nenhuma poesia, nenhuma frase filosófica, nenhuma teoria, nenhuma ciência explicaria tanto quanto Jo 3.16.

#### I. UM AMOR MAIOR



1. Maior que a extensão da ingratidão humana.
  - a. Deus não leva em conta o tempo da ignorância , At 17.30.
  - b. o seu amor é maior que as fraquezas do espírito humano.
2. O amor de Deus é maior que a irreverência humana, “porque Deus amou o mundo de tal maneira”.
3. O amor de Deus está acima do desacato humano.
4. O amor de Deus é maior que a miséria humana:
  - a. a miséria na qual o pecado mergulhou os homens;
  - b. a miséria que desnudou o homem de sua glória original;
  - c. O grande amor de Deus levanta o homem da miséria, Sl 40.2.

## II. UM AMOR PODEROSO

1. Mais poderoso que o ódio:
  - a. esse amor é Jesus: “Deus deu seu Filho Unigênito”.
  - b. o amor de Deus constrói, mas a ação do Diabo destrói, Jo 10.10.
2. Mais poderoso que a força do pecado, “para que todo aquele que nele crê, não pereça”.
  - a. o amor tira o pecado pelo poder do sangue de Cristo, 1Jo 1.7.
  - b. Jesus cravou o pecado na cruz.
3. Mas poderoso que a morte: “mas tenha a vida eterna”.
  - a. a morte é o fruto do pecado;
  - b. a vida eterna é o fruto do amor de Deus em Jesus.

**CONCLUSÃO:** Toda a expressão do amor de Deus se revela no seu Filho Jesus. Não há amor maior que o dele.

## “CONVERTEI-VOS!”

Jr 18.11.

**INTRODUÇÃO:** O Evangelho seria inútil se não tivesse poder de mudar as vidas humanas. Seria um fracasso se não pudesse converter pecadores em novas criaturas. Mas o Evangelho de Cristo é o poder de Deus para salvação de todo aquele que nele crê. A obra de conversão possui alguns significados especiais, que queremos considerar.

### I. SIGNIFICA

1. Dar meia volta do caminho para o inferno.
2. Atender à voz do Espírito Santo que diz: “ESTE É O CAMINHO; ANDAI POR ELE...”, Is 30.21.
3. Ser alertado em tempo oportuno.
4. Dar as costas à vida velha, ao mundo e ao pecado.

### II. RAZÕES:

1. O sentido da palavra pecado é *desviar o rumo*.
2. O pecado desviou o homem do rumo do Céu, mas Jesus veio para restabelecer o rumo certo.
3. Jesus é o caminho, a direção correta, Jo 14.6.

### III. SIGNIFICA TRANSFORMAR A VIDA

1. Pelo novo nascimento, Jo 3.3; 2Co 5.17.
2. Pelo Evangelho, poder transformador.
3. Vestindo-se de um novo caráter:
  - a. o ladrão não volta a roubar;
  - b. o alcoólatra não volta a beber;
  - c. o viciado não volta ao vício.



**CONCLUSÃO:** Que outro poder pode converter um miserável pecador senão o Evangelho de Cristo?! Só Cristo pode fazer esta mudança na vida dos homens.

### “SENHOR QUE FAREI? ”

At 22.10.

**INTRODUÇÃO:** Esta pergunta Paulo a fez após sua experiência com Jesus, no caminho de Damasco. De ardoroso inimigo do nome de Cristo e dos cristãos, tornar-se agora em humilde servo do Senhor. Foi necessária esta dura experiência com Jesus, para que Paulo viesse a conhecer o Messias. Agora, coloca-se na posição de servo para fazer o QUERER do Senhor. Sua decisão é um grande exemplo de dedicação. Após sua entrega ao Senhor, três coisas importantes foram exigidas dele: *decisão, obediência e expectativa*.

#### I. DECISÃO: “*Levanta-te*”

1. A decisão de levantar-se tem um significado profundo:
  - a. tomada de posição;
  - b. colocar-se em movimento, estar a postos;
  - c. despreendimento, prontidão;
  - d. Ainda hoje o Senhor quer que os homens e mulheres se *levantem*, para aceitar o seu desafio.

#### II. OBEDIÊNCIA: “*entra na cidade*”

1. A obediência é fundamental na obra do Senhor;
2. Quem não sabe obedecer, não sabe servir.
3. O servo obediente não toma atitudes próprias, *espera do seu Senhor*.
4. É melhor obedecer que fazer sacrifícios.

#### III. EXPECTAÇÃO: “*lá te será dito o que te convém fazer*”.

1. O ponto de partida para fazer a obra do Senhor é a prontidão e a obediência.
2. Significa confiar na Palavra do Senhor;
3. Não é ansiedade, medo, mas é esperar confiadamente no Senhor.

**CONCLUSÃO:** Deus busca homens e mulheres dispostos ao seu serviço: pessoas que aceitem o desafio da obediência, da prontidão e da confiança, da inteira confiança do Senhor.

### A VITÓRIA DA FÉ,

Mc 5.24-29.

**INTRODUÇÃO:** Nesta história aprendemos sobre o poder da fé superando o aspecto da morte. Uma mulher condenada à morte por uma enfermidade incurável é recompensada pela sua fé que nasceu quando ela ouviu falar de Jesus.

#### I. A VITÓRIA DA FÉ SOBRE AS DECEPÇÕES, vv 25,26:

1. Estava ordenada à morte, v 26.
2. “Havia padecido com muitos médicos”.
3. Todos os recursos humanos falharam, v 26.
4. “Havia despreendido tudo quanto tinha, nada lhe adiantando”.
5. Seu estímulo de viver e lutar desaparecera, v 26.
6. “Nada lhe aproveitando isso, antes indo a pior”.

#### II. A VITÓRIA DA FÉ SOBRE OS OBSTÁCULOS, vv 27,28:

1. Ela ouviu falar de Jesus, v 27: “ouvindo falar de Jesus”.
2. Ela veio ao encontro de Jesus, v 27: “veio por detrás, entre a multidão”.
3. Sua fé venceu os obstáculos, v 27:



- a. uma multidão compacta: “entre a multidão”.
- b. a opinião publica: “que pesarão de mim?”;
- c. o desânimo (pela dificuldade de chegar a Jesus);
- d. a sua própria incredulidade, v 28: “Se tão somente tocar nos seus vestidos, ficarei curada!”

### **III. A VITÓRIA DA FÉ ALCANCADA, v 29:**

- 1. Ela tocou em Jesus.
- 2. Ela recebeu a cura imediatamente.
- 3. Ela confessou sua cura.

**CONCLUSÃO:** Aquela mulher obteve vitória pela sua fé, porque creu em Jesus. Sua fé venceu os obstáculos e ela recebeu a bênção.

## **O VERDADEIRO PASTOR**

Jo 10.11-14.

**INTRODUÇÃO:** A diferença entre o pastor e o mercenário é notada pelas suas obras. O verdadeiro Pastor é Jesus, e o mercenário é o Diabo.

### **I. O BOM PASTOR (VV 11,14).**

- 1. Dá sua vida pelas ovelhas, v 11.
- 2. Conhece as suas ovelhas, v 14.
- 3. Das ovelhas é conhecido, v 14.

### **II. O MERCENÁRIO (VV 12,13)**

- 1. Não é pastor, v 12.
- 2. As ovelhas não são suas, v 12.
- 3. Ele as abandona na hora do perigo, v 12.
- 4. Ele não tem cuidado das ovelhas, v 13.

### **III. O LOBO (V 12)**

- 1. Arrebata as ovelhas sem pastor, v 12.
- 2. Ele dispersa as ovelhas, v 12.
- 3. Ele mata e devora as ovelhas, v 10.

**CONCLUSÃO:** Jesus é o Bom Pastor e deseja agradar as ovelhas dispersas sob o domínio do Diabo (o Lobo). O Diabo pode ser as duas coisas ao mesmo tempo: mercenário e lobo.

## **A VOZ DE DEUS,**

Sl 29.

**INTRODUÇÃO:** Entre os atributos pessoais de Deus, a sua voz é conhecida na Bíblia de várias maneiras. Nesse Salmo, Deus manifesta sua glória e seu poder através da sua voz.

### **I. MANIFESTAÇÕES DA VOZ DE DEUS:**

- 1. Sobre a face das águas, v 3;
  - a. como quando o mundo era caótico, Gn 1.2.
- 2. Separa as labaredas do fogo, v 7:
  - a. a sarça ardente no monte Horebe, Êx 3.1-3.
- 3. Faz tremer o deserto, v 8.
- 4. Desnuda as brenhas, v 9.
  - a. Elias ouviu o vento, o terremoto, 1Rs 19.11.

### **II. O PODER DA VOZ DE DEUS:**

- 1. No seu templo, v 9.



- a. através do louvor, da adoração.
- 2. No coração, Hb 4.12:
  - a. voz penetrante, cortante e profunda.
- 3. Pela sua Palavra, Sl 103.20.

**CONCLUSÃO:** Ainda hoje Deus fala de muitas maneiras, e a sua voz faz-se ouvir através da pregação do Evangelho, da manifestação dos dons espirituais etc.

## **PRIVILÉGIOS DOS REMIDOS**

Ef 1.3-14.

**INTRODUÇÃO:** A aceitação de Cristo como salvador e Senhor coloca o crente numa nova posição espiritual: nova vida, novo vigor, novo Senhor, novos privilégios. Entre vários privilégios espirituais destacaremos apenas três que são interligados, os quais fortalecem as bases da nossa redenção.

### **I. ELEITOS PELO PAI, vv 4-6.**

- 1. Eleitos (escolhidos) na presciência divina, isto é, pelo planejamento do Pai.
- 2. Os eleitos são destinados para serem filhos, por adoção em Jesus Cristo, v 5.

### **II. REMIDOS PELO FILHO, vv 7-12:**

- 1. O sentido de redenção é “comprar outra vez”. 1Co 6.20.
- 2. Esta redenção custou o preço de sangue, Hb 9.22.
- 3. Cristo deu sua vida para nos remir do pecado, Jo 3.16; Rm 5.8.

### **III. SELADOS PELO ESPÍRITO, vv 13,14.**

- 1. Selar é marcar com prioridade.
- 2. O Espírito da promessa é penhor, a garantia de nossa eleição.
- 3. Pertencemos ao Senhor por direito de redenção.

**CONCLUSÃO:** Estes são os privilégios oferecidos a todos quanto aceitam a Cristo como senhor e Salvador. Só Deus pode oferecer essas bênçãos. Só o Espírito Santo pode garantir esses privilégios.

## **CRISTO, O GRANDE APAZIGUADOR,**

Mt 5.22-24,35-43.

**INTRODUÇÃO:** Vivemos dias de grande ansiedade e terror. A falta de paz é o fator predominante e dá origem à violência que assola o mundo. Os lares, açoitados pelo poder do mal, são destruídos. Os esforços humanos não se mostram suficientes para aplacar o mal. Só Cristo, *o Príncipe da Paz*, tem a solução. Temos aqui uma história emocionante: um homem desesperado vai em busca de Jesus para salvar sua filha da morte.

### **I. CRISTO APAZIGOU O AFLITO CORAÇÃO DE JAIRO, vv 22-24.**

- 1. Estava aflito pela ameaça de morte de sua filha.
- 2. Aproximou-se de Jesus e reconheceu o poder do Mestre de dar-lhe paz interior e de cura a sua filha.
- 3. Jesus, o Príncipe da Paz, é o único que pode dar a verdadeira paz.
- 4. Jesus deu-lhe esperança, “indo com ele”.

### **II. CRISTO APAZIGOU O MOMENTO MAIS CRÍTICO DA VIDA DE JAIRO, vv 35-36.**

- 1. Jairo havia sentido o choque da notícia da morte de sua filha.
- 2. Jesus animou Jairo dizendo-lhe: “Não temas, crê somente”!.
- 3. Jesus entra em ação nos momentos mais difíceis da nossa vida.

### **III. CRISTO APAZIGOU O ALVOROÇO NA CASA DE JAIRO, vv 38,39:**





1. Jesus viu aquele alvoroço que só o Diabo sabe promover.
2. Jesus desfez o alvoroço, inspirando esperança à família.
3. Jesus restituiu a vida à menina.

**CONCLUSÃO:** Cristo é o Senhor da Paz. Somente Ele pode penetrar num coração desesperado e apaziguá-lo.

## O MARAVILHOSO AMOR DE DEUS,

Jo 3.16.

**INTRODUÇÃO:** Ninguém pode descrever o amor e Deus. Nenhuma idéia, nenhum conceito há que possa explicar o maravilhoso amor de Deus. A maior expressão desse amor foi revelada na pessoa de Jesus Cristo: Ele é a expressão do amor divino.

### I. UM AMOR INDESCRITÍVEL – “Deus amou o mundo”:

1. Ultrapassa os limites do pensamento humano.
2. Sua profundidade não tem fim, porque é ilimitável e eterno.

### II. UM AMOR IMENSURÁVEL – “de tal maneira”:

1. Nunca poderíamos medi-lo: esse amor é tão imenso que atinge toda a criação.
2. Esse amor, não podendo ser medido, é imensurável.

### III. UM AMOR CONSTRANGEDOR – “que deu seu Filho Unigênito”:

1. Nenhum pai daria o filho único para morrer no lugar de um homicida.
2. Constrangido pela triste situação da humanidade, Deus ofereceu o seu Filho amado.
3. Esse amor não é compreendido pela vaidade humana, porque a natureza humana é egoísta.

### IV. UM AMOR CONVICENTE – “Para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

1. Nada pode convencer mais o homem que a morte de Cristo na Cruz.
2. Convicente porque é inextinguível.

### V. UM AMOR QUE DÁ VIDA – “mas tenha a vida eterna”:

1. Dá vida porque esse amor fornece vida eterna.
2. Porque o amor humano é passageiro como a sombra, mas o amor divino é eterno.
3. Dá vida porque Cristo é o Senhor da vida, Jo 11.25.

**CONCLUSÃO:** Que grande amor temos à nossa disposição! O amor de Deus não faz acepção, antes atinge todos os homens.

## A TRÍPLICE OBRA DO ESPÍRITO SANTO,

Ef 3.16-18.

**INTRODUÇÃO:** Esta leitura bíblica apresenta uma operação tríplice do Espírito no coração do crente, conduzindo-o uma vida plena. São três bênçãos indispensáveis para nossa vitória espiritual. A batalha contra o mal é tremenda e, se não tivermos a plenitude de Deus, poderemos perdê-la.

### I. O ESPÍRITO CORROBORA COM PODER, v 16.

1. O poder do Espírito representa fortalecimento para o coração.
2. O mundo preocupa-se com a imagem exterior, mas o que importa é o *homem interior*.
3. O Espírito concede poder especial para o *homem interior*, a fim de que tenha forças para vencer os ataques exteriores.

### II. HABITA NO CRENTE, v 17.



1. *O interior* passa a ser o centro de comando do Espírito.
2. O Espírito de Cristo trabalha em nós, conscientizando-nos da presença do Senhor dentro de nós.
3. O Espírito glorifica a Cristo dentro de nós, Gl 2.20.

### **III. DÁ ENTENDIMENTO PARA A MENTE, v 18.**

1. Não é um entendimento intelectual, mas espiritual.
2. A plenitude de Deus capacita-nos a compreender as coisas espirituais.
3. O verdadeiro cristianismo não se prende nos livros, mas pela ação do Espírito que ilumina a nossa mente, e nos ensina as verdades espirituais.

**CONCLUSÃO:** A obra do Espírito é operada em nós mediante a nossa disposição de servir a Deus.

